



UNIVERSIDADE  
FERNANDO  
PESSOA

## O Impacto do *Bullying* nos Praticantes de Futebol: Dos 10 aos 15 anos

[The Impact of Bullying on Football Players: From 10 to 15 years old]

Dissertação de Mestrado

2º Ciclo de Estudo em Psicologia Clínica e da Saúde

Mariana Filipa Guedes Coimbra

Orientador:

Doutora Ana Costa

Julho 2024





UNIVERSIDADE  
FERNANDO  
PESSOA

## O Impacto do *Bullying* nos Praticantes de Futebol: Dos 10 aos 15 anos

[The Impact of Bullying on Football Players: From 10 to 15 years old]

Dissertação de Mestrado

2º Ciclo de Estudo em Psicologia Clínica e da Saúde

Mariana Filipa Guedes Coimbra

Orientador:

Doutora Ana Costa

Julho 2024

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Exma. Professora Doutora Ana Costa, pelo seu apoio, compreensão, conselhos e motivação ao longo não só desta investigação mas também ao longo destes cinco anos de estudos. O meu mais sincero obrigada.

Aos restantes professores e profissionais que contribuíram para a minha formação e a todos os meus colegas de curso que partilharam comigo experiências incríveis ao longo destes cinco anos.

À minha família por todo o apoio, dedicação e todos os sacrifícios que fizeram que me permitiram evoluir em quanto pessoa, por estarem sempre ao meu lado em todos os meus sucessos e fracassos e por nunca me deixarem desistir dos meus objetivos e principalmente dos meus sonhos.

Por fim, aos meus amigos que foram sempre uma peça fundamental em todos os grandes momentos e ao meu namorado, que sempre esteve a meu lado durante esta e outras etapas desafiadoras da minha vida, por nunca me deixar desistir e sempre acreditar que eu sou capaz de fazer tudo aquilo a que me predisponho.

## Resumo

Ao longo dos anos, têm surgido cada vez mais estudos sobre o tema do *bullying* (Almeida et al, 2008; Olweus, 2010; OPP, 2022). Os contextos onde ocorre interação social entre indivíduos são propícios para a manifestação de incidentes de *bullying* e além do ambiente escolar, o contexto desportivo representa outro cenário no qual muitas crianças e adolescentes dedicam uma quantidade significativa do seu tempo (Vaz et al, 2022). O *bullying* no ambiente desportivo tem-se tornado um tema de preocupação crescente entre os pesquisadores pois o bem-estar emocional e autoestima dos jovens atletas está diretamente ligado com o seu desempenho (Marracho et al, 2021). O presente estudo tem como principal objetivo verificar a incidência do *bullying* no contexto desportivo, tendo como base uma pergunta de partida: qual será o impacto do *bullying* no contexto desportivo nos diferentes escalões? Participaram deste estudo 67 atletas do sexo masculino com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos ( $M=12,16$ ;  $DP=1,620$ ), abrangendo 4 escalões de competição e turmas de futebol de uma escola do grande Porto. O instrumento utilizado foi um questionário (Costa & Calobra, s/d) constituído por 28 perguntas, com o intuito de recolher informações sobre a frequência e duração dos comportamentos do *bullying*, os intervenientes envolvidos, o tipo de agressão mais frequente, assim como os locais e contextos onde estes ocorrem. Verificou-se uma incidência do *bullying* no contexto desportivo sendo que a maioria dos atletas que afirmaram conhecer alguém que já foi vítima de *bullying* são do escalão de Sub 13, que compreende idades entre os 11 e os 13 anos e que existiu abandono desportivo devido ao *bullying*. O local mais frequente para ocorrer episódios de *bullying* é no campo durante dos treinos sendo o tipo de *bullying* mais comum o verbal. Os agressores maioritariamente são atletas mais velhos e da mesma equipa que as vítimas.

**Palavras-chave:** *Bullying* no contexto desportivo, Futebol, Vítimas, Agressores, Testemunhas

## ***Abstract***

Over the years, more and more studies have emerged on the topic of bullying (Almeida et al, 2008; Olweus, 2010; OPP, 2022). The contexts where social interaction between individuals occurs are conducive to the manifestation of bullying incidents and in addition to the school environment, the sporting context represents another scenario in which many children and adolescents dedicate a significant amount of their time (Vaz et al, 2022). Bullying in the sporting environment has become a topic of increasing concern among researchers as the emotional well-being and self-esteem of young athletes is directly linked to their performance (Marracho et al, 2021). The main objective of this study is to verify the incidence of bullying in the sporting context, based on a starting question: what will be the impact of bullying in the sporting context at different levels? 67 male athletes aged between 10 and 15 years old ( $M=12.16$ ;  $SD=1.620$ ) participated in this study, covering 4 competition categories and football classes from a school in Greater Porto. The instrument used was a questionnaire (Costa & Calobra, s/d) , consisting of 28 questions, with the aim of collecting information about the frequency and duration of bullying behaviors, the actors involved, the most frequent type of aggression, as well as the places and contexts where these occur. There was an incidence of bullying in the sporting context and the majority of athletes who said they knew someone who had been a victim of bullying were from the Under 13 age group, which ranges from 11 to 13 years old and who had abandoned sports due to bullying. The most common place for bullying episodes to occur is on the field during training, with the most common type of bullying being verbal. The aggressors are mostly older athletes and from the same team as the victims.

**Keywords:** Bullying in the sporting context, Football, Victims, Aggressors, Witnesses

## Índice

Introdução Geral .....	1
Capítulo I: <i>Bullying</i> no Contexto Desportivo .....	2
1. Introdução .....	3
2. <i>Bullying</i> .....	3
2.1. Tipos de <i>Bullying</i> .....	4
2.2. <i>Cyberbullying</i> .....	5
2.3. Intervenientes .....	6
2.4. Fatores de Risco e Fatores de Proteção .....	9
2.5. Consequências/Efeitos do <i>Bullying</i> .....	10
2.6. Prevenção e Intervenção .....	14
2.7. Contextos do <i>Bullying</i> .....	15
3. <i>Bullying</i> no Desporto: Futebol .....	15
3.1. Estudos realizados sobre o tema .....	17
4. Síntese do Capítulo .....	24
Capítulo II: Estudo Empírico .....	28
5. Introdução .....	29
6. Objetivos .....	29
7. Metodologia .....	30
7.1. Participantes .....	31
7.2. Instrumento .....	31
7.3. Procedimentos .....	32
8. Apresentação de Resultados .....	32
9. Análise e Discussão de Resultados .....	41
10. Síntese .....	46
Conclusões Gerais .....	49

Referências Bibliográficas.....	53
ANEXOS .....	1
Anexo A.....	2
Anexo B.....	8

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1:</b> Caracterização da amostra segundo a idade e o escalão.....	31
<b>Tabela 2:</b> Incidência do <i>Bullying</i> por Escalão .....	33
<b>Tabela 3:</b> Perceção dos Atletas Sobre o <i>Bullying</i> .....	34
<b>Tabela 4:</b> Frequência com que ocorre o fenómeno do <i>bullying</i> .....	35
<b>Tabela 5:</b> Agressores .....	35
<b>Tabela 6:</b> Tipos mais frequentes de <i>bullying</i> .....	36
<b>Tabela 7:</b> Locais mais frequente onde ocorre o <i>bullying</i> .....	36
<b>Tabela 8:</b> Reações mais frequentes das vítimas após os episódios de <i>bullying</i> .....	37
<b>Tabela 9:</b> Perceção dos atletas sobre o motivo pelo qual as vítimas sofrem de <i>bullying</i> .....	37
<b>Tabela 10:</b> Perceção dos atletas sobre o motivo pelo qual os agressores praticam o <i>bullying</i> .....	38
<b>Tabela 11:</b> Perceção dos atletas sobre as emoções sentidas pelas testemunhas.....	38
<b>Tabela 12:</b> Perceção dos atletas sobre o que consideram que as testemunhas podem/devem fazer.....	39
<b>Tabela 13:</b> Ações dos treinadores ou adultos face aos comportamentos do <i>bullying</i> ..	40
<b>Tabela 14:</b> Quem intervém face às situações de <i>bullying</i> .....	40



## Introdução Geral

O *bullying* representa uma forma específica da agressão caracterizada pelo uso recorrente de violência física e/ou psicológica por parte de crianças e adolescentes. A agressão é caracterizada pela sua intencionalidade, onde o agressor age premeditadamente com a intenção de infligir sofrimento ao longo de um determinado tempo e não se configura como sendo um ato isolado. O ato da intimidação é central neste fenómeno, tendo de existir uma relação de desigualdade de poder entre o agressor e a vítima (Olweus, 2010), sendo este o fator que distingue o *bullying* de outros conflitos e comportamentos agressivos comuns nas relações normais entre crianças e adolescentes (Almeida et al, 2008; OPP, 2022).

Os contextos onde ocorre interação social entre indivíduos são propícios para a manifestação de incidentes de *bullying*. Além do ambiente escolar, o contexto desportivo representa outro cenário no qual muitas crianças e adolescentes dedicam uma quantidade significativa do seu tempo (Vaz et al, 2022). O *bullying* no ambiente desportivo tem-se tornado um tema de preocupação crescente entre os pesquisadores pois o desempenho dos atletas muitas vezes está diretamente relacionado ao bem-estar emocional e autoestima dos mesmos e os elevados níveis de stress experimentados pelas vítimas em decorrência destes episódios, podem reduzir não só a sua performance individual como também a eficácia global da equipa (Marracho et al, 2021).

A presente dissertação encontra-se dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo é uma revisão da literatura subdividida em duas partes. Na primeira parte é explorada a temática do *bullying* em geral, contando com uma pesquisa dos tipos de *bullying* detalhando também o *cyberbullying*, os intervenientes deste fenómeno, os fatores de risco e de proteção do *bullying*, as consequências/efeitos deste fenómeno e os diferentes contextos em que este surge. Na segunda parte do capítulo é explorado mais detalhadamente o *bullying* no contexto desportivo onde são apresentados diferentes estudos sobre o tema.

O segundo capítulo aborda o percurso metodológico usado nesta dissertação mostrando os objetivos gerais e específicos que orientaram toda a execução da presente investigação, as variáveis da mesma, a descrição do método que inclui uma caracterização da amostra, o instrumento utilizado para a recolha de dados e procedimentos técnicos e metodológicos utilizados durante a investigação, assim como a apresentação de resultados e discussão dos mesmos.

**Capítulo I: *Bullying* no Contexto Desportivo**

## 1. Introdução

Este capítulo pretende clarificar e fazer uma revisão da literatura e dos dados em torno da temática do *bullying* em geral contando com uma exploração dos tipos de *bullying* detalhando também o *cyberbullying*, os intervenientes deste fenómeno, os fatores de risco e de proteção do *bullying*, as consequências/efeitos deste fenómeno e os diferentes contextos em que este surge. Numa segunda parte desde capítulo é explorado mais detalhadamente *bullying* no contexto desportivo e são apresentados diferentes estudos sobre o tema.

## 2. *Bullying*

A palavra *bullying* é originária do inglês, carecendo de uma tradução direta para o português. Devido a essa lacuna linguística, o termo foi incorporado em diversas línguas ao redor do mundo (Olweus, 2010; OPP, 2022; Vaz et al, 2022).

Heinemann (citado por Olweus, 2010) foi primeiro pesquisador a interessar-se pelo fenómeno da agressão entre pares no final da década de sessenta, referindo-se a este como *mobing*, este termo é utilizado para descrever a violência entre pares no contexto de trabalho. Contudo, somente no final do século XX começou a ser estudado de forma mais aprofundada na Suécia, Finlândia e Noruega (Vaz et al, 2022). Olweus (2010), um médico norueguês, destacou-se como um dos primeiros a realizar estudos sobre o tema, motivado pelo suicídio de três jovens de 14 anos em uma escola. Inicialmente Olweus adotou a terminologia de Heinemann. No entanto à medida que aprofundava as suas investigações sobre a agressão entre pares, este passou a compreender melhor o fenómeno, cunhando assim o termo "*bullying*" (Olweus, 2010).

O *bullying* representa uma forma específica da agressão que pode ser melhor caracterizada como o uso recorrente de violência física e/ou psicológica por parte de crianças e adolescentes, geralmente em contextos educacionais e de formação. Essa forma de agressão é caracterizada pela sua intencionalidade, onde o agressor age premeditadamente com a intenção de infligir sofrimento ao longo de um determinado tempo, não se configurando como um ato isolado. O ato da intimidação é central neste fenómeno, tendo de existir uma relação de desigualdade de poder entre o agressor e a vítima (Olweus, 2010), sendo este fator o que distingue o *bullying* de outros conflitos e

comportamentos agressivos comuns nas relações normais entre crianças e adolescentes (Almeida et al, 2008; OPP, 2022). Esta desigualdade de poder pode manifestar-se de várias formas, como diferenças de idade, estatura, desenvolvimento físico ou emocional, ou ainda através do maior apoio dos pares (Neto, 2005). O *bullying* é um fenómeno universal, podendo ser observado em todas as raças, etnias, níveis socioeconómicos e culturas (Juvonen et al, 2003).

Os primeiros estudos sobre o *bullying* foram conduzidos em ambiente escolar revelando que uma elevada percentagem de crianças já experienciou situações de *bullying*, exclusão social, rejeição e negligência por parte dos colegas. Estes estudos indicam que, pelo menos 15% dos estudantes, estejam envolvidos neste tipo de comportamentos. Geralmente, observa-se que a incidência do *bullying* tende a diminuir à medida que o nível de escolaridade aumenta (Carvalhosa et al, 2001).

## **2.1. Tipos de *Bullying***

O *bullying* pode ser categorizado em duas categorias distintas, conforme sugerido por diversas fontes académicas (Almeida et al, 2008; Martins, 2005; Neto, 2005). A primeira delas é conhecida como *bullying* direto, caracterizado por agressões verbais, físicas e/ou sexuais. Este tipo de *bullying* inclui comportamentos como agressões físicas, ameaças, intimidação, roubo de objetos, utilização de apelidos pejorativos, bem como expressões e gestos que causam desconforto à vítima. É relevante notar que este tipo é o mais frequente entre o sexo masculino (Bandeira & Hutz, 2010; Neto, 2005; Vaz et al, 2022). Por outro lado, o *bullying* indireto manifesta-se por meio de ações sociais e relacionais, como disseminação de rumores, difamação, exclusão social da vítima, entre outras formas de manipulação interpessoal (Almeida et al, 2008; Neto, 2005), sendo este tipo mais adotado pelo sexo feminino (Neto, 2005; Vaz et al, 2022).

Adicionalmente, Serrate (2014) apresenta algumas classificações possíveis mais detalhadas, dividindo o *bullying* em cinco formas distintas:

1. Físico: esta categoria envolve agressões físicas diretas, como socos, empurrões, cuspidelas, esperar a vítima fora do contexto, entre outras formas de violência física.
2. Verbal: inclui a utilização de insultos, humilhações públicas, salientar defeitos, entre os outras formas de agressão verbal.

3. Psicológico: este tipo de *bullying* está presente em todas as formas descritas e pode resultar numa relação de dependência emocional entre a vítima e o agressor, afetando o bem-estar psicológico da vítima.
4. Social: o principal objetivo deste tipo de *bullying* é excluir a vítima do resto do grupo social através de abusos verbais, atitudes cruéis, comentários maldosos e ameaças, agressões, integrando também a violência religiosa e racial.
5. Sexual: esta forma de *bullying* envolve comportamentos de natureza sexual não consensual, solicitação de favores sexuais ou gestos obscenos, causando danos tanto físicos como psicológicos à vítima.

## **2.2. Cyberbullying**

Com a evolução da sociedade e da tecnologia e com o uso cada vez mais precoce da *internet* por crianças e jovens (Araújo & Caldeira, 2018), tem vindo a surgir uma nova forma de *bullying* conhecida como *cyberbullying*. Esta forma de intimidação refere-se a qualquer tipo de comportamento agressivo realizado através de meios eletrónicos como *e-mails*, mensagens instantâneas e redes sociais. O *cyberbullying* inclui comportamentos intimidatórios e de assédio, tais como envio e divulgação de mensagens ofensivas, ameaças, disseminação de rumores sobre a vítima, exclusão social, violação de privacidade, podendo até mesmo envolver roubo de identidade (Almeida et al, 2008; Sánchez-Hernández et al, 2023).

O fenómeno do *cyberbullying* emerge como uma forma de agressão mais complexa, muitas vezes derivada de casos de *bullying* presencial prévios. A identificação e a comprovação da identidade do agressor no contexto do *cyberbullying* pode ser dificultada uma vez que, ao contrário do *bullying* presencial, que ocorre em tempo real e permite à vítima reconhecer o agressor, o *cyberbullying* manifesta-se de forma indireta, atingindo a vítima a qualquer momento e, frequentemente, em anonimato, o que poderá gerar ansiedade, pois a vítima é incapaz de se defender diretamente. Existe outro aspeto que torna este novo fenómeno mais complexo, o alcance ilimitado de testemunhas e espectadores, uma vez que qualquer conteúdo publicado na *internet* pode tornar-se viral e permanente. Imagens comprometedoras e difamações podem persistir na rede indefinidamente, assombrando a vítima ao longo da sua vida. No contexto de

*cyberbullying* o agressor muitas vezes percebe-se como invisível e impune, o que perpetua os seus atos de violência (Araújo & Caldeira, 2018).

### **2.3. Intervenientes**

Os intervenientes do *bullying* distinguem-se dos demais por meio dos seus padrões de relacionamento psicossocial inadequado, manifestando diferenças marcantes nas suas características comportamentais e sociais. Podem ser categorizados da seguinte maneira, de acordo com diversas fontes académicas (Aguiar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005):

a. Agressores: apresentam características distintas que os diferenciam das vítimas, evidenciando padrões de comportamento e interações sociais inadequadas. Frequentemente, estes cercam-se de um pequeno grupo de seguidores que os auxiliam nas suas agressões ou são incitados a agredir as vítimas. Esses seguidores, comumente denominados de “assistentes”, raramente iniciam agressões de forma independente, sendo muitas vezes caracterizados como inseguros ou ansiosos e submetem-se à liderança do agressor para se proteger ou para pertencer ao grupo dominante. Geralmente, os agressores demonstram pouca empatia em relação às vítimas, revelando uma necessidade de poder e controlo das situações, desafiam as normas estabelecidas e tendem a possuir uma autoestima elevada. Muitos destes jovens provêm de ambientes destrutturados, onde a violência e a falta de afeto é uma realidade. Condições familiares adversas, como desestruturção familiar, ausência de afeto, permissividade excessiva ou experiências de abuso físico e emocional, parecem contribuir significativamente para o desenvolvimento da agressividade nessas crianças. Além disso, fatores individuais, como hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção, baixo desempenho escolar e baixa inteligência, também desempenham um papel na adoção de comportamentos agressivos (Aguiar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

Os autores do *bullying* geralmente são populares entre os colegas, podem demonstrar agressividade até mesmo em interações com adultos, exibem impulsividade e interpretam sua agressividade como uma qualidade positiva. Eles, geralmente, têm uma visão positiva de si mesmos e frequentemente são fisicamente mais fortes do que suas vítimas. Sentem prazer em dominar, controlar e causar danos aos outros, podendo encontrar benefícios

sociais e materiais em sua conduta. Esses indivíduos tendem a estar menos satisfeitos com o seu ambiente escolar e a família, são mais propensos a ter baixa assiduidade e têm maior probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco. Os rapazes frequentemente adotam comportamentos mais diretos, envolvendo-se em agressões físicas, enquanto as raparigas tendem a recorrer mais a formas de agressão verbal e indireta. Identificar o *bullying* entre as raparigas pode ser desafiador devido ao uso de formas mais subtis de agressão (Aguiar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

b. Vítimas: geralmente, os indivíduos afetados pelo bullying tendem a apresentar características de pouca sociabilidade, manifestando insegurança e uma sensação de desesperança em relação à sua integração no grupo social. As suas autocríticas são agravadas pelas críticas recebidas dos adultos em relação à sua vida ou comportamento, o que dificulta a procura de ajuda. Com poucos amigos, a vítima tende a ser passiva, reservada, infeliz e a sofrer com sentimentos de vergonha, medo, depressão e ansiedade. A sua autoestima pode estar tão abalada a ponto de acreditar que merece o tratamento negativo recebido. O período de tempo e a frequência das agressões contribui significativamente para o aumento e a gravidade dos efeitos negativos experienciados. O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem podem interferir no seu desempenho académico, intensificando ainda mais a ansiedade, a insegurança e a visão negativa de si mesmo. Num esforço para se proteger contra novas agressões, a vítima pode evitar a escola e o convívio social. Em casos mais extremos, pode manifestar comportamentos autodestrutivos, pensamentos suicidas e/ou sentir-se compelido a tomar medidas drásticas, como buscar vingança, reagir com violência ou até mesmo cometer suicídio. As vítimas tendem a evitar confrontos, frequentemente sofrem com sintomas físicos e os seus pais costumam ser excessivamente protetores (Aguiar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

Indivíduos passivos são particularmente mais vulneráveis, independentemente de características físicas como o peso corporal e a aparência. As vítimas geralmente carecem de recursos ou habilidades para reagir às agressões. É raro as vítimas quebrarem o silêncio sobre a violência sofrida, muitas vezes devido à vergonha, ao medo de retaliação, à falta de confiança nas medidas adotadas ou pelo receio de críticas. Estas vítimas só tendem a partilhar o sucedido quando sentem que serão ouvidas, respeitadas e valorizadas. Não existem disparidades de gênero predominantes entre as vítimas (Aguiar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

c. Testemunhas: a maioria das testemunhas opta pelo silêncio para evitar tornarem-se alvos subsequentes. Sentem-se desconfortáveis com o que presenciam, manifestando insegurança sobre como agir diante da situação. Muitos decidem não se envolver diretamente em casos de *bullying*, motivados pelo medo de retaliação, incerteza sobre os procedimentos adequados a adotar e descrença nas medidas de intervenção. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos agressores como uma confirmação do seu poder, ocultando a frequência desses comportamentos e transmitindo uma falsa sensação de segurança aos adultos. A maioria das testemunhas expressa simpatia pelas vítimas, condena as ações dos agressores e deseja uma intervenção mais eficaz por parte dos adultos. Algumas testemunhas podem, inadvertidamente, acreditar que adotar comportamentos agressivos contra os colegas é a melhor estratégia para ganhar popularidade e poder, transformando-se assim em cúmplices ou até mesmo agressores. Outras testemunhas podem enfrentar dificuldades na aprendizagem, temendo ser associados à vítima e perder seu status social, tornando-se, por sua vez, alvos de *bullying*, ou cedendo à pressão dos colegas (Aguiar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

As reações das testemunhas ao *bullying* permitem categorizá-las em diferentes papéis: auxiliares, que participam ativamente da agressão; incentivadoras, que encorajam o agressor; observadoras, que se limitam-se a observar e/ou se afastam da situação e as defensoras, que protegem a vítima ou buscam a intervenção de um adulto para interromper a agressão (Aguiar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

d. Agressor/vítima: aproximadamente 20% dos alunos que desempenham o papel de agressores também são alvos de *bullying*, sendo denominados agressores/vítimas. Estes indivíduos estão envolvidos em ambas as formas de comportamento, sendo mais propensos a desenvolver distúrbios psiquiátricos futuros, principalmente aqueles relacionados com a hiperatividade. Em comparação com os agressores e as vítimas, os agressores/vítimas tendem a apresentar um grau depressivo mais elevado. A combinação da baixa autoestima com comportamentos agressivos e provocativos é indicativo de uma criança ou adolescente que tem, como razão para a prática de *bullying*, prováveis alterações psicológicas, devendo merecer atenção especial. Estes indivíduos podem manifestar sintomas de depressão, insegurança e impulsividade, recorrendo à humilhação de colegas como forma de encobrir suas próprias limitações. Diferenciam-se dos alvos típicos por serem impopulares e pelo alto índice de rejeição pelo grupo. Sintomas

depressivos, pensamentos suicidas e distúrbios psiquiátricos são mais frequentes neste grupo de agressores/vítimas (Aguiar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

## **2.4. Fatores de Risco e Fatores de Proteção**

Existem duas categorias principais de fatores associados ao *bullying*: os fatores de risco, que apresentam uma associação positiva com o fenómeno de *bullying* e os fatores de proteção, que possuem uma associação negativa com o fenómeno (Lopez et al, 2011).

Os fatores de risco associados à ocorrência do *bullying* são influenciados por uma variedade de fatores que afetam significativamente a saúde e o desenvolvimento de jovens e adolescentes. Esses fatores incluem aspetos económicos, sociais e culturais, bem como características inerentes de personalidade e influências provenientes do ambiente familiar, das amizades, do ambiente escolar e da comunidade, de um modo geral. O conceito de que as vítimas do *bullying* possuem uma carência de habilidades sociais é considerado um viés preconceituoso e é identificado como um fator de risco específico (Almeida et al, 2008; Lopez et al, 2011; Neto, 2005).

O fenómeno do *bullying* é mais prevalente em crianças com idades compreendidas entre 11 e 13 anos, sendo menos frequente tanto no primeiro ciclo quanto no secundário. Crianças mais novas e aquelas em anos de escolaridade inferiores estão significativamente mais envolvidas em comportamentos de vítima e em situações de duplo envolvimento, desempenhando tanto o papel de vítimas quanto o de agressoras (Lopez et al, 2011; Neto, 2005).

Quanto ao género, indivíduos do sexo masculino apresentam uma maior tendência para o envolvimento como agressores, sendo mais propensos a agressões físicas e verbais, enquanto indivíduos do sexo feminino tendem a adotar mais frequentemente formas de agressão indireta, como difamação, humilhação e disseminação de rumores para promover a exclusão social das vítimas. (Lopez et al, 2011; Neto, 2005).

Os principais fatores de risco para ser vítima de *bullying* abrangem uma série de aspetos, incluindo a identidade bissexual ou homossexual, autoestima reduzida, competências sociais limitadas, nível social inferior, ou seja, ser menos populares ou ter poucos amigos,

e problemas de internalização, como solidão, ansiedade ou depressão. Por outro lado, os fatores de risco primordiais para a prática de *bullying* abrangem: ser do sexo masculino, ter um desempenho acadêmico insatisfatório, o consumo de álcool, a influência de companheiros com comportamentos antissociais, a falta de empatia, as atitudes ou os valores morais antissociais e os problemas de comportamento exteriorizado, como agressão e desafio às normas. Existem outros fatores de risco individuais no que diz respeito aos agressores, como a baixa inteligência, o comportamento de alta impulsividade ou de risco, além de fatores familiares, como a presença de um dos pais na prisão e supervisão inadequada por parte dos mesmos. Adicionalmente, podem haver influências como amizades problemáticas e a falta de um círculo social próximo, bem como fatores sociais e económicos, como baixo rendimento familiar, família numerosa e condições de habitação precárias (Farrington, 2020).

A maior parte desses incidentes ocorre longe do escrutínio adulto, o que contribui para que muitas vítimas não denunciem ou discutam as agressões sofridas, resultando em uma percepção limitada por parte de professores e pais sobre a extensão do problema e, conseqüentemente, em medidas insuficientes para sua prevenção e interrupção. A aparente tolerância dos adultos e a sensação de impunidade associada alimentam a perpetuação desse comportamento agressivo (Neto, 2005).

Por outro lado, os fatores de proteção amplamente reconhecidos contra o *bullying* incluem um ambiente escolar positivo, um lar acolhedor, habilidades sociais desenvolvidas, influência positiva dos pares, bom desempenho acadêmico e empatia elevada. Da mesma forma, os fatores de proteção para as vítimas englobam habilidades sociais sólidas, autoestima elevada, sucesso acadêmico, popularidade favorável entre os colegas, influência positiva dos pares, ambiente escolar positivo e relacionamentos familiares saudáveis (Farrington, 2020).

## **2.5. Consequências/Efeitos do *Bullying***

Os impactos adversos do *bullying* são observáveis tanto a curto quanto a longo prazo, afetando as vítimas, os agressores e até mesmo as testemunhas envolvidas. Os intervenientes deste fenómeno enfrentam consequências físicas e emocionais que podem resultar em dificuldades académicas, sociais, emocionais e legais. A curto prazo, as vítimas frequentemente experienciam uma gama de distúrbios físicos e psicológicos,

incluindo dores de cabeça, dores abdominais, dores de garganta, náuseas, vômitos, anorexia, enurese, dificuldades acadêmicas, tristeza e insônia. Quanto a efeitos a longo prazo embora ainda careçam de estudos conclusivos, alguns sugerem uma possível associação entre experiências de *bullying* na infância e comportamentos mais violentos e criminosos na vida adulta (Almeida et al, 2008; Neto, 2005).

É evidente que crianças e adolescentes não experimentam essas consequências de forma uniforme, mas existe uma correlação direta entre os efeitos do *bullying* e a frequência, a duração e a gravidade das agressões. Indivíduos que sofrem *bullying* durante a infância apresentam maior probabilidade de desenvolver depressão e baixa autoestima na vida adulta. Além do referido, quanto mais nova for a criança agressiva, maior será o risco de problemas relacionados com comportamentos antissociais na idade adulta e a consequências como instabilidade no emprego e relacionamentos de curta duração (Neto, 2005).

Os impactos nas vítimas incluem uma série de sintomas, incluindo depressão, stress, propensão para se tornarem agressores, ansiedade, perturbações gastrointestinais, dores crônicas inexplicáveis, baixa autoestima, receio de expressar emoções, dificuldades em relacionamentos interpessoais, propensão para abuso de substâncias, automutilação e, em casos extremos, pensamentos suicidas ou tentativas de suicídio. Na esfera escolar, estes impactos manifestam-se através do abandono escolar, desrespeito pelos professores, ausências sem justificação aparente, posse de armas, processos judiciais movidos contra a escola e autoridades responsáveis, bem como contra a família do agressor. A mera observação de atos de *bullying* pode gerar insatisfação com a escola e comprometer o desenvolvimento académico e social. (Almeida et al, 2008; Neto, 2005).

Muitas das consequências da vitimização estão intrinsecamente ligadas à sua origem, criando um ciclo contínuo entre a causa e o efeito, reforçando determinadas tendências e exacerbando as dificuldades (Barros et al, 2009). Crianças que foram vítimas de *bullying* têm mais dificuldades de adaptação no ambiente de trabalho quando adultas, podendo enfrentar até mesmo situações de *mobing* nesse contexto. Estas poderão apresentar dificuldade em relacionarem-se socialmente, apresentarem baixa autoestima com dificuldades em se aceitarem e de se expressar, baixo desempenho escolar e podem simular doenças para evitar ir à escola, enquanto os jovens com depressão correm o risco de tentar ou cometer suicídio (Almeida et al, 2008; Botelho & Souza, 2007; Neto, 2005;

Santos et al, 2015). O *bullying* pode causar danos sociais, psicológicos e emocionais, levando a consequências que vão além de ansiedade, perturbação de pânico, doenças psicossomáticas (Silva 2022), entre outras manifestações clínicas, tais como: enurese noturna, distúrbios do sono, dores de cabeça, desconforto abdominal, episódios de desmaio, náuseas, dores nos membros, paralisias, hiperventilação, queixas oculares, síndrome do intestino irritável, distúrbios alimentares como anorexia e bulimia, isolamento, pensamentos suicidas, irritabilidade, agressividade, ansiedade, dificuldades de concentração, perda de memória, crises de histeria, depressão, ataques de pânico, relatos de medo, resistência em frequentar a escola, expressões de tristeza, sensação de insegurança durante o período escolar e queda no desempenho acadêmico, incluindo atos deliberados de autoagressão (Neto, 2005), bem como pensamentos suicidas ou até mesmo o suicídio (Silva, 2022).

Em relação aos agressores, é observada uma tendência para comportamentos de risco na adolescência que podem persistir na vida adulta, manifestando-se em comportamentos agressivos tanto em casa como no contexto laboral. Além disso, é comum que ignorem normas sociais, desrespeitando sinais de trânsito e tentando se impor sobre os outros, tendo maior probabilidade de se tornarem adultos com comportamento antissocial ou violento, podendo até mesmo adotar atitudes criminosas (Almeida et al, 2008; Botelho & Souza, 2007).

As testemunhas, embora não sejam alvo direto das agressões, podem sentir-se desconfortáveis com o que testemunham e inseguros sobre como agir e também sofrem, com potencial influência negativa no seu desenvolvimento acadêmico e social (Almeida et al, 2008; Botelho & Souza, 2007). Alguns reagem negativamente à violação do seu direito a aprender em um ambiente seguro, solidário e livre de medos e essa experiência pode afetar negativamente sua capacidade de progredir academicamente e socialmente (Botelho & Souza, 2007).

As vítimas que também são agressoras, por sua vez, são consideradas o grupo mais vulnerável, com maior propensão a serem diagnosticadas com hiperatividade, depressão, menor envolvimento acadêmico e necessidade de tratamento psiquiátrico (Santos et al, 2015).

Crianças e adolescentes que sofrem e/ou praticam *bullying* podem precisar de uma variedade de serviços, incluindo de saúde mental, justiça juvenil, educação especial e programas sociais. As reações dos pais das vítimas podem variar desde a descrença ou indiferença até manifestações de raiva ou frustração consigo mesmos e com a escola. O sentimento de culpa e a sensação de impotência diante do *bullying* contra os seus filhos tornam-se preocupações primordiais, levando a sintomas depressivos que afetam o desempenho no trabalho e nos relacionamentos pessoais. A negação ou indiferença por parte da Direção da escola e dos professores pode desencadear desmotivação e uma sensação de falta de preocupação com a segurança dos alunos. Isso também pode prejudicar seriamente os laços familiares, com a criança ou adolescente a sentir-se traído caso perceba que seus pais não acreditam nos seus relatos ou quando suas ações não surtem efeito (Neto, 2005).

Santos, Perkoski e Kienen (2015) realizaram um estudo por meio de entrevistas visando compreender a percepção dos professores e alunos relativamente às consequências do *bullying*. No caso dos professores entrevistados, as consequências foram categorizadas em quatro grupos: consequências nas interações sociais, na aprendizagem, nos aspectos psicológicos e nos aspectos físicos. No que diz respeito às interações sociais, cinco dos seis professores observaram que as vítimas tendem a isolar-se mais, enquanto três destacaram uma redução nos laços de amizade na escola. Um professor também notou que as vítimas se tornam mais retraídas, silenciosas e relutantes em trabalhar em grupo. Por outro lado, um professor mencionou que percebe poucas mudanças nas interações sociais das vítimas, enquanto outro afirmou que tais mudanças não ocorrem. Em relação à aprendizagem, dois professores relataram que as vítimas têm dificuldade em concentrarem-se em sala de aula, enquanto outros dois observaram que elas participam menos nas aulas para evitarem expor-se. Adicionalmente, um professor mencionou que essas crianças perdem conteúdo acadêmico devido a problemas relacionados ao *bullying*, e outro notou uma falta de motivação para os estudos. Apenas um professor admitiu não ter certeza sobre as consequências do *bullying* na aprendizagem das vítimas. Vale ressaltar que dois professores relativizaram tais consequências: um destacou que elas variam dependendo do tipo de agressão e do estado emocional da vítima, enquanto outro afirmou que dependem do nível de violência e da aceitação por parte da criança que sofreu o *bullying* (Santos et al, 2015)

Quanto às consequências psicológicas, dois professores afirmaram não ter certeza se há implicações psicológicas associadas ao *bullying*, e um negou que existam tais consequências. No entanto, um professor destacou que os alunos afetados pelo *bullying* se sentem diminuídos, incapazes e vulneráveis (Santos et al, 2015).

Quanto à percepção dos alunos sobre as consequências do *bullying* para as vítimas, observou-se que os sentimentos negativos foram frequentemente mencionados. Entre esses sentimentos, destacam-se a vontade de não ir à escola (66,3%), medo (65,1%), tristeza (63,9%), desejo de mudar de escola (62,7%) e desejo de retaliação contra o colega agressor (62,7%). Por outro lado, sentimentos positivos, como alegria e felicidade, foram identificados por apenas 3,6% e 2,4% da amostra pesquisada, respectivamente. Em relação às consequências do *bullying* para o agressor, ao contrário do que foi observado para as vítimas, a maioria dos alunos entrevistados relatou sentimentos positivos, incluindo sentir-se superior na escola (73,5%), alegria (61,4%) e felicidade (54,2%) (Santos et al, 2015).

## **2.6. Prevenção e Intervenção**

Os impactos do *bullying* são, muitas vezes subtis, tornando-se pouco provável que a criança ou adolescente procure orientação mesmo com plena consciência de ser vítima ou agressor. No entanto, é viável identificar os grupos de risco, oferecer apoio às famílias, monitorar possíveis manifestações psiquiátricas e promover a implementação de programas *antibullying* nas instituições de ensino. A intervenção precoce, tanto para as vítimas quanto para os agressores, pode reduzir os riscos de problemas emocionais a longo prazo. Em casos de alterações significativas de personalidade, intensa agressividade, comportamento disruptivo ou persistência prolongada como vítima, agressor ou ambos, uma avaliação psiquiátrica e/ou psicológica pode ser necessária e deve ser assegurada (Neto, 2005).

A prevenção de futuros episódios pode ser realizada através da promoção de medidas protetivas, tais como: ignorar apelidos depreciativos, estabelecer amizades com colegas não agressivos, evitar locais de maior risco e relatar imediatamente o *bullying* a adulto responsável. Entre os agressores, é mais comum observar mudanças comportamentais, envolvimento em comportamentos de risco e o consumo de substâncias como álcool e drogas. Outros fatores que contribuem para a agressividade e o desenvolvimento de

distúrbios de conduta incluem lesões cerebrais traumáticas, histórico de abuso, predisposição genética, insucesso escolar, experiências traumáticas, entre outros. A intervenção recomendada para os agressores visa capacitá-los a controlar a sua irritabilidade, expressar sua raiva e frustração de maneira apropriada, assumir responsabilidade pelas suas ações e aceitar as consequências dos seus comportamentos. Portanto, é crucial dar atenção tanto aos pacientes que relatam comportamentos agressivos contra colegas quanto aos que são vítimas de agressão. As famílias, tanto das vítimas quanto dos agressores, devem receber apoio para compreender o problema, sendo informadas sobre todas as possíveis consequências do *bullying* (Neto, 2005).

## **2.7. Contextos do Bullying**

Os contextos onde ocorre interação social entre indivíduos, tais como escolas, universidades, ambientes familiares, vizinhanças e locais de trabalho, são propícios para a manifestação de incidentes de *bullying*. Este comportamento é prevalente em todos os tipos de instituições educacionais, independentemente de serem públicas ou privadas. Notavelmente, os recreios e os intervalos entre as aulas surgem como os momentos preferenciais para sua ocorrência. Esses incidentes de *bullying* podem acarretar repercussões negativas, afetando o direito dos alunos a aprenderem em um ambiente seguro, tranquilo e propício ao desenvolvimento (Almeida et al, 2008).

Além do ambiente escolar, o contexto desportivo representa outro cenário no qual muitas crianças e adolescentes dedicam uma quantidade significativa do seu tempo. Clubes e associações desportivas desempenham um papel importante na formação e desenvolvimento de crianças e jovens (Vaz et al, 2022). Estudos recentes têm enfatizado o fenómeno do *bullying* no ambiente desportivo como uma preocupação crescente entre os pesquisadores. O desempenho dos atletas muitas vezes está diretamente relacionado ao bem-estar emocional e autoestima dos mesmos. No entanto, caso um atleta não consiga atingir seus objetivos ou expectativas, ele pode se tornar mais vulnerável a sofrer *bullying* dentro do clube desportivo (Marracho et al, 2021).

## **3. Bullying no Desporto: Futebol**

As escolas de futebol têm-se tornado uma opção bastante procurada por pais e responsáveis com o objetivo de proporcionar aos seus filhos um hábito saudável, num

ambiente que pode proporcionar uma aprendizagem significativa para a criança ou adolescente. Com a redução progressiva de espaços públicos e seguros para a prática desportiva, locais particulares e projetos sociais emergem como alternativas viáveis para a prática dessa modalidade. A criança procura iniciar uma prática desportiva, procurando principalmente, divertimento, alegria e satisfação, muitas vezes acompanhada pela possibilidade de interação com amigos e a oportunidade de fazer novas amizades. É fundamental que o desporto proporcione uma participação ampla das crianças e adolescentes no processo de ensino e aprendizagem, desempenhando um papel importante como ferramenta pedagógica. Sabe-se que na nossa sociedade, apesar dos debates frequentes sobre a inclusão e o respeito às diferenças, continuam a ser produzidos e, por vezes, reproduzidos preconceitos que resultam na criação de estigmas sociais, prejudicando significativamente um número considerável de indivíduos, ora sem intenção, ora intencionalmente, configurando-se como atos discriminatórios passíveis de levar à exclusão social (Gonçalves et al, 2019).

Neste sentido, deve-se valorizar o desporto, como ferramenta educacional, capaz de proporcionar uma oportunidade de protagonismo para aqueles que poderiam, de outra forma, sentir-se marginalizados em contextos competitivos, visto que o desporto agrega uma ampla gama de valores, desenvolvendo ou seguindo princípios educacionais, tais como o trabalho em equipa, o respeito às regras, entre outros (Gonçalves et al, 2019).

O processo de inclusão, todavia, não se revela fácil, visto que exige análise cuidadosa da situação e dos envolvidos no processo, bem como a implementação de ações que visem promover a compreensão do papel de cada indivíduo e a necessidade de mudança. Tal processo exige, inevitavelmente, uma mudança de postura, uma vez que é mais fácil para muitos não dar a devida atenção e ficarem acomodados, passivos, deixando que os valores a ser desenvolvidos se percam em meio à comodidade. A tendência à categorização de pessoas, somada à rigidez do processo, tende a ser fonte inesgotável de preconceitos e visões estereotipadas das pessoas. Um estigma posto a um indivíduo prejudica a sua reputação e prolongando-se talvez durante toda a vida do mesmo. Os alunos com dificuldades motoras, obesidade, ou com alguma deficiência encontram-se particularmente vulneráveis, principalmente em contexto competitivos, nos quais podem ser estereotipados com certos estigmas (Gonçalves et al, 2019).

É comum questionar a presença desses alunos nas equipas desportivas, atribuindo-lhes a responsabilidade por um suposto prejuízo ao desempenho coletivo, o que muitas vezes é negligenciado em momentos de vitória, porém exacerbado em situações de derrota. Nas escolas de futebol, é imprescindível adotar uma abordagem que contemple não apenas os aspetos técnicos e físicos do desporto, mas também os aspetos sociais, promovendo uma prática saudável do exercício e favorecendo o desenvolvimento ou aprimoramento do repertório motor dos participantes. Busca-se uma abordagem mais participativa e inclusiva, que minimize um pouco do peso excessivo das competições centradas exclusivamente nos melhores desempenhos, a fim de evitar que aqueles com pouca habilidade sejam excluídos de jogos, viagens e torneios, visto que a perpetuação deste cenário pode resultar em uma baixa autoestima e na autoperceção negativa e com isso levar ao abandono precoce da prática desportiva. O peso das expectativas e o sentimento de responsabilidade pelo desempenho individual em face de cobranças excessivas e fracassos podem contribuir para a estigmatização desses alunos, reforçando a perceção de sua incapacidade desportiva (Gonçalves et al, 2019).

O desempenho do atleta apresenta uma correlação significativa com o seu bem-estar e autoestima. Contudo, se o atleta se encontra incapacitado de atingir os padrões desejados, ficará mais vulnerável, podendo levar a manifestações de comportamentos de *bullying*. Os elevados níveis de *stress* experimentados pelas vítimas em decorrência destes episódios, podem reduzir não só a sua performance individual como também a eficácia global da equipa. Neste sentido, a literatura refere que o desgaste provocado pelo *bullying*, a sensação de impotência e a vergonha experienciada, podem levar a pensamentos de abandono da prática desportiva (Marracho et al, 2021).

### **3.1. Estudos realizados sobre o tema**

Vários estudos foram efetuados considerando o contexto desportivo, que passamos a enunciar.

*I Gave Up Football and I Had No Intention of Ever Going Back:*

Ríos, Ventura e Mateu (2022) realizaram uma investigação com o propósito de compreender, retrospectivamente, as experiências de atletas que foram alvos de *bullying*

no contexto desportivo durante a sua formação. A análise dos dados revelou a presença de *bullying* físico, verbal e social no ambiente desportivo, destacando o balneário como o local mais frequente para a ocorrência destas situações, além da tendência das vítimas para se culpabilizarem perante este fenómeno relacionado com as capacidades motoras e as características físicas e psicológicas (Ríos et al, 2022).

*Bullying* no contexto da formação desportiva:

Num estudo conduzido por Nevy, Neto e Rosado (2015) envolvendo 1458 atletas de várias modalidades, tais como rugby, futebol, andebol, voleibol, natação, judo, atletismo, ginástica e luta, pode constatar-se que, 146 dos atletas (10,01%) relataram ter sido vítimas de maus-tratos, 164 (11,25%) admitiram ter maltratado os colegas, 505 (34,64%) testemunharam episódios de *bullying* e 40 foram alvo de agressões e também agrediram os seus colegas. Acredita-se que exista uma tendência para que os menos aptos neste meio e vítimas de *bullying* tendam a abandonar a prática desportiva ou mudar de modalidade, almejando um ambiente e contexto em que sintam que estão mais integrados (Nevy et al, 2015).

Comportamentos de *bullying* em jovens praticantes de desporto:

Marracho et al (2021) realizaram um estudo com 13 atletas, cujas idades variavam entre os 13 e os 18 anos, provenientes de diferentes modalidades do desporto federado na Região Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. Pretendeu-se conhecer a perceção dos participantes acerca do fenómeno do *bullying*. Apesar da diversidade de experiências compartilhadas, os participantes do estudo referem que o principal objetivo do *bullying* é induzir sentimentos negativos nos outros. Relativamente ao conceito sobre o *bullying* foram identificadas categorias como a violência física, o abuso psicológico, a brincadeira, o abuso verbal, e como subcategoria, o ato de “gozar”. Os participantes destacaram a idade como um fator de vulnerabilidade para a vitimização entre pares. A violência física, que se manifesta através do contacto físico entre os sujeitos, é apontada como uma consequência da existência de comportamentos agressivos entre pares. O *bullying* também foi descrito pelos entrevistados como uma forma de agressão psicológica, fundamentada pelo facto de as vítimas terem uma baixa autoestima, e transmitirem sentimentos de ansiedade e frustração. Deste modo, os agressores exploram a vulnerabilidade das vítimas, aproveitando esta fragilidade para as inferiorizar. Alguns

intervenientes testemunharam a inexistência ou incidência mínima de *bullying*, pois muitos percebem a sua ocorrência como um ato de interação entre pares, disfarçada sob a aparência de brincadeira e jogo, camuflando, assim, a existência de agressividade entre pares. Os comportamentos de isolamento social e a contínua baixa autoestima são reflexos diretos do abuso verbal perpetrado pelos agressores contra as vítimas. Na subcategoria “gozar” integrada na categoria abuso verbal, os praticantes ressaltam que a intenção é a de causar desconforto nas vítimas, motivados muitas vezes pela performance baixa do atleta e pelas diferentes opiniões, como forma de atingir a vítima. Tais comportamentos de “gozo” são considerados manifestações de *bullying*, caracterizadas pela intenção deliberada dos agressores de prejudicar ou ferir as vítimas, mediante o uso indevido do poder. Os atletas, quando questionados acerca da relevância do tema *bullying*, atribuem grande importância à realização de pesquisas sobre o assunto, evidenciando, principalmente, nas categorias "sensibilizar" e "prevenir". Neste estudo identificou-se os possíveis locais onde ocorrem as agressões e quais as razões para que tal aconteça. Os dados obtidos permitem identificar pelos atletas observadores os locais potenciais onde ocorrem as agressões sendo estes, o treino, as provas desportivas, a escola e o balneário. Geralmente o espaço de treino é um dos locais mais propício para tais incidentes, associados à competitividade entre os atletas. Estes comportamentos podem surgir pela falta de esforço no treino por parte de alguns atletas, comparativamente a outros atletas mais esforçados e dedicados. A dose competitiva deve ser medida pelo responsável do treino, de forma a evitar qualquer tipo de comportamento indesejado na prática desportiva. No contexto federado, existem opções desportivas por parte dos treinadores na escolha dos atletas durante a competição, assim como, entre clubes relativamente à tabela classificativa. Ambos os fatores podem causar rivalidade e inveja, originando a ocorrência de agressões entre pares. A singularidade do dia de competição como o único momento de encontro entre as equipas, pode explicar a ocorrência de episódios de *bullying*. Os observadores relatam que os agressores optam por locais sem vigilância e mais resguardados. O balneário, por ser o espaço comum para todos os atletas, é sem dúvida uma zona onde ocorrem episódios de *bullying* devido à falta de supervisão adulta e de apoio, tornando as vítimas mais vulneráveis. Nestes locais as vítimas estão mais vulneráveis pela falta de apoio de um adulto, facilitando os comportamentos agressivos por parte do agressor relativamente à vítima. Muitas provocações entre pares são interpretadas erroneamente como brincadeiras pelos

observadores, contribuindo para a normalização do comportamento agressivo entre os participantes (Marracho et al, 2021).

*Bullying em el fútbol infantil: Mirada de las familias y de los entrenadores:*

Um estudo conduzido por Grau, Sisó e Vall-llovera (2020), explorando a perspectiva das famílias dos atletas e treinadores, revelou uma concordância geral entre os entrevistados quanto à significância do fenômeno do *bullying*, reconhecendo-o como uma questão que pode acarretar graves consequências para quem o sofre. Por outro lado, alguns treinadores e famílias consideram-no algo problemático, mas não tão genericamente. Assim, enquanto alguns reconhecem que é algo muito importante e que requer atenção especial, alguns normalizam ou até banalizam. Desta forma, comportamentos que poderiam ser interpretados como indícios de *bullying* são, por vezes, reinterpretados como meras "brincadeiras" e/ou "comportamentos infantis", desprovidos de malícia, ou, ainda, integrantes da rotina desportiva, justificando-se, assim, situações potencialmente abusivas como uma faceta intrínseca do ambiente desportivo. Também é mencionada a alta competitividade do futebol infantil e o impacto da exposição televisiva, que incute nos jovens atletas padrões comportamentais que tendem a serem imitados. Um dos principais problemas reside na dificuldade em discernir entre comportamentos característicos de *bullying* e aqueles que não o são. Os treinadores indicam que o *bullying* físico tende a ser identificado com facilidade e prontidão, ao passo que o *bullying* psicológico é mais subtil e difícil de detetar. No que diz respeito ao contexto organizacional, pertencer a um clube de menor dimensão pode facilitar a identificação precoce de casos de *bullying*, uma vez que neste contexto há maior proximidade entre as famílias, os treinadores são mais próximos e acessíveis e a comunicação costuma ser direta, entre outros fatores. Por outro lado, em clubes de maior dimensão, o problema tende a passar despercebido devido aos fracos vínculos interpessoais e à complexidade das dinâmicas organizacionais (Grau et al, 2020).

*Effect of playing soccer on stress, sociality, and physical fitness in alienated youth: a retrospective study:*

Park, Park, Yoo e Jee (2020) realizaram uma investigação com o propósito de analisar experiências de *bullying*, aptidão física, stress e apoio social em jovens estudantes que participaram num programa de futebol ao longo de três de anos. A amostra contemplou

52 jovens, divididos em dois grupos distintos: um grupo de controlo, composto por 45 atletas que não haviam sido alvo de *bullying* por exclusão, e um grupo experimental, constituído por 7 atletas que relataram ter vivenciado experiências de *bullying* por exclusão. A incidência de exclusão relatada pelos participantes do grupo experimental oscilava entre '1-2 vezes' ou 'algumas vezes' por semana. Os resultados da pesquisa indicaram que os jovens que não haviam sido alvo de exclusão apresentaram uma pontuação de *stress* significativamente mais baixa do que aquelas que passaram por essa experiência. Especificamente, os sujeitos do grupo de controlo demonstraram habilidades comunicativas eficazes, foram capazes de ignorar assuntos superficiais e resistência à intimidação. Após três anos de participação no programa de futebol, a experiência de exclusão foi minimizada tendo alguns participantes afirmando que jogar futebol lhes dava uma influência positiva. Por outro lado, os sujeitos do grupo experimental, que já haviam sofrido de exclusão, apresentaram resultados opostos. Esses resultados estariam relacionados com a baixa força muscular e o curto período de tempo de frequência da participação em desportos. O programa de futebol juvenil melhorou significativamente a força física, reduziu o *stress* e diminuiu as experiências de *bullying* por exclusão (Park et al 2020).

*Bullying victimisation and perpetration among adolescent sport teammates:*

Evans, Adler, MacDonalds e Côte (2016) realizaram um estudo com o objetivo de explorar a prevalência do *bullying* no desporto comparando também com o *bullying* escolar. A nível global, a maioria dos participantes reportou não ter sido submetida a situações de *bullying* nos últimos dois meses, embora tenham relatado maior incidência de vitimização por *bullying* no contexto escolar, assim como, também se envolveram mais em comportamentos de *bullying* no contexto escolar em comparação ao desportivo. Não foram observadas diferenças significativas entre os grupos de *bullying* em variáveis tais como idade, tempo de prática desportiva, tempo sob a orientação do treinador e tempo com a equipa. Entretanto, os testes que comparam o grupo de acordo com variáveis como o sexo do participante, o tipo de desporto e o sexo do treinador revelaram várias diferenças significativas. Relativamente à vitimização, 51% dos participantes com um treinador do sexo masculino relataram ter sido vítimas, em comparação com 21% dos participantes cujo o treinador era do sexo feminino. A incidência de vitimização relatada não divergiu entre participantes de desportos coletivos e individuais, nem houve

diferenças entre atletas do sexo masculino e feminino. Quanto aos agressores, os grupos apresentaram divergências em três variáveis. Atletas treinados por homens demonstraram maior propensão a relatar ser agressores em comparação com aqueles treinados por mulheres. Da mesma forma, 30% dos atletas do sexo masculino relataram praticar comportamentos de *bullying*, uma percentagem superior aos 20% de mulheres que praticam comportamentos de *bullying*. Os participantes de desportos coletivos eram mais propensos a denunciar comportamentos de *bullying* (26%) em comparação com os participantes de desportos individuais (11%). Adicionalmente, foi investigado a influência dos relacionamentos com os colegas e treinadores na incidência do *bullying*, evidenciando-se que os participantes classificados como vítimas relataram menor ligação com os colegas de equipa, porém não foram observadas diferenças significativas na relação com o treinador. Em contraste, os participantes que relataram ser agressores relataram relacionamentos com o treinador mais fracos do que os não agressores, embora as disparidades na conexão com os colegas de equipa não tenham sido estatisticamente significativas. Em síntese, os participantes que indicaram vínculos mais frágeis com os colegas de equipa quando foram classificados como vítimas, em comparação os que relataram relacionamentos mais fracos com os treinadores assumiram o papel de agressores (Evans et al, 2016).

*“I was always made fun of for being fat”: First-hand accounts of bullying in children’s football:*

Um estudo realizado por Aguilar, Grau, Vall-Ilovera e Sisó (2020) com jogadores de futebol, pais e treinadores, com intuito de investigar tipo de *bullying*, as causas, os locais de ocorrência e os sentimentos e emoções em relação ao *bullying*. As sessões de grupos focais confirmaram que o *bullying* é difícil de abordar, pois é um tema delicado e muito pessoal. No entanto, uma vez alcançado um clima de confiança, os relatos dos participantes demonstraram que o problema do *bullying* existia de facto. A agressão verbal na forma de insultos e xingamentos emergiu como uma forma comum de *bullying* e foram identificadas duas principais causas, sendo estas aparência/características físicas e o nível de capacidade atlética, particularmente em situações de elevada competitividade. O excesso de peso foi o motivo mais citado para o *bullying* verbal. Em um ambiente excessivamente competitivo, os jogadores menos qualificados ou menos bem-sucedidos são particularmente propensos ao *bullying* verbal ou físico e até mesmo à exclusão e ao

isolamento. Os guarda-redes, em particular, surgiram como vítimas significativas neste ambiente, devido à responsabilidade que têm durante o jogo. As “partidas”, que são uma forma de *bullying* físico indireto, também estão presentes no futebol infantil. Tanto treinadores quanto jogadores mencionaram que era comum os jogadores terem as roupas escondidas ou molhadas nos vestiários ou casas de banho. Outra das formas mais comuns de *bullying* identificadas foi o isolamento e a exclusão (*bullying* social). Apesar da pouca idade dos jogadores deste estudo, também houve alguns relatos de homofobia que resultaram em *bullying* e destacam a vulnerabilidade dos jovens jogadores de futebol da comunidade LGTB, forçados a escolher entre abandonar o clube ou correr o risco de sofrerem mais *bullying* por parte dos seus companheiros de equipa. Um dos jogadores, de 8 anos, também levantou o problema do *cyberbullying*, relatando que em certos momentos, quando alguém está na casa de banho, é comum que colegas de equipa gravem e depois postem o vídeo *online*. Neste caso, apesar das consequências potencialmente graves de tais ações, o jogador e os seus colegas de equipa consideraram simplesmente mais uma brincadeira. O local mais mencionado pelos três tipos de participantes para a ocorrência do *bullying* é o balneário, especialmente depois dos jogos. Alguns pais acreditam que os treinadores deveriam estar mais presentes nos balneários porém, parece ser um tema controverso pois, por um lado, a sua presença pode proteger contra o *bullying*, enquanto, por outro, pode ser percebida por certos pais como um aumento do risco de assédio sexual. Os participantes mencionaram que o *bullying* também ocorreu, embora em menor escala, durante os treinos e jogos, principalmente em relação ao comportamento excessivamente competitivo de alguns jogadores durante os jogos. Os participantes também falaram sobre os principais efeitos emocionais dos diferentes tipos de *bullying*. As principais emoções descritas para as vítimas foram medo, tristeza, vergonha, apatia e impotência. O *bullying* causa a estas grande sofrimento e por isso costumam recorrer ao silêncio. Como mencionado anteriormente, o *bullying* pode fazer com que as crianças abandonem o futebol. Muitas vítimas de *bullying* no desporto decidem abandonar o clube quando a situação se torna insuportável. As crianças que testemunham o *bullying* também podem sentir medo e não falar sobre o ocorrido. Embora nenhum dos participantes se tenha identificado como agressor, alguns deles opinaram sobre os principais traços emocionais de um agressor. Um treinador, por exemplo, definiu os agressores como líderes da equipa e que são os mais conflituosos. Este é um exemplo claro de “liderança tóxica”, exatamente o oposto do que seria esperado de um líder de equipa em termos de apoiar e ajudar os seus companheiros de equipa. Os comentários

realizados pelos pais demonstram que estes não estão preparados para lidar com situações de *bullying*. O sentimento mais comum expresso pelos treinadores foi a surpresa ao descobrirem que existia *bullying* dentro das suas equipas ou que alguns dos incidentes podiam ser classificados como *bullying*. Com base em algumas declarações, parece que os treinadores muitas vezes encaram o *bullying* como a norma, indicando que a agressão verbal e física no futebol de formação é tolerada e não condenada pelos treinadores. Por fim, vale ressaltar que todos os participantes dos grupos focais afirmaram que esta foi a primeira oportunidade que tiveram para falar sobre o problema do *bullying*. Embora a discussão os tenha ajudado a refletir sobre o assunto, foi insuficiente na sua opinião. Tanto os pais como os treinadores manifestaram interesse em receber mais orientações sobre o *bullying*, pois não consideravam que tinham as ferramentas para lidar com o mesmo (Aguilar et al, 2020).

#### **4. Síntese do Capítulo**

Em síntese, a revisão da literatura mostra que *bullying* ocorre em local de interação social entre indivíduos, desta forma, também ocorre no contexto desportivo trazendo inúmeras consequências para a vida dos seus intervenientes (Almeida et al, 2008; Marracho et al; Vaz et al, 2022).

Existem duas categorias distintas de *bullying*, direto e indireto (Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz; Martins, 2005; Neto, 2005; Vaz et al, 2022), podendo ser classificado mais detalhadamente como *bullying* físico, *bullying* verbal, *bullying* psicológico, *bullying* social e *bullying* sexual. Com a *internet* e as novas tecnologias, surgiu também o *cyberbullying*, que inclui comportamentos intimidatórios e de assédio via *internet* ou via móvel (Almeida et al, 2008; Sánchez-Hernández et al, 2023), sendo uma forma de agressão mais complexa, muitas vezes derivada de casos de *bullying* (Araújo & Caldeira, 2018).

Quanto aos intervenientes do *bullying*, estes podem ser categorizados entre agressores, vítimas, testemunhas e agressores/vítimas, apresentando características distintas (Aguar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

Existem duas categorias principais de fatores associados ao *bullying*: os fatores de risco, que apresentam uma associação positiva com o fenómeno de *bullying* e os fatores de proteção, que possuem uma associação negativa com o fenómeno (Lopez et al, 2011).

Os perigos associados à ocorrência do *bullying* são influenciados por uma variedade de fatores que afetam significativamente a saúde e o desenvolvimento de jovens e adolescentes, como aspectos econômicos, sociais e culturais, bem como características inerentes de personalidade e influências provenientes do ambiente familiar, das amizades, do ambiente escolar e da comunidade de um modo geral. (Almeida et al, 2008; Lopez et al, 2011; Neto, 2005).

Estudos indicam que o fenômeno do *bullying* é mais prevalente em crianças com idades compreendidas entre 11 e 13 anos, sendo menos frequente tanto na escola primária quanto no secundário. Quanto ao gênero, indivíduos do sexo masculino apresentam uma maior tendência para o envolvimento como agressores, sendo mais propensos a agressões físicas e verbais, enquanto indivíduos do sexo feminino tendem a adotar mais frequentemente formas de agressão indireta, como difamação, humilhação e disseminação de rumores para promover a exclusão social das vítimas. (Lopez et al, 2011; Neto, 2005).

Os principais fatores de risco para ser vítima de *bullying* abrangem a identidade sexual, autoestima reduzida, competências sociais limitadas, nível social inferior, ou seja, sendo menos populares ou tendo poucos amigos, e problemas de internalização, como solidão, ansiedade ou depressão. Por outro lado, os fatores de risco primordiais para a prática de *bullying* abrangem o sexo masculino, desempenho acadêmico insatisfatório, consumo de álcool, a influência de companheiros com comportamentos antissociais, falta de empatia, atitudes ou valores morais antissociais e problemas de comportamento exteriorizado, como agressão e desafio às normas (Farrington, 2020).

No que diz respeito aos impactos adversos do *bullying* são observáveis tanto a curto quanto a longo prazo, afetando as vítimas, os agressores e até mesmo as testemunhas envolvidas. Os intervenientes deste fenômeno enfrentam consequências físicas e emocionais podem resultar em dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais (Almeida et al, 2008; Neto, 2005). Apesar de as experiências poderem variarem de indivíduo para indivíduo, estudo demonstram que possa existir uma correlação direta entre os efeitos do *bullying* e a frequência, a duração e a gravidade das agressões (Neto, 2005).

Os impactos nas vítimas incluem uma série de danos físicos, psicológicos e sociais (Silva, 2022). A mera observação de atos de *bullying* pode gerar insatisfação com a escola e comprometer o desenvolvimento acadêmico e social. (Almeida et al, 2008; Neto, 2005). Muitas das consequências da vitimização estão intrinsecamente ligadas à sua origem, criando um ciclo contínuo entre a causa e o efeito, reforçando determinadas tendências e

exacerbando as dificuldades (Barros et al, 2009). Em relação aos agressores, é observada uma tendência para comportamentos de risco na adolescência que podem persistir na vida adulta, manifestando-se em comportamentos agressivos tanto em casa como no contexto laboral. As testemunhas, embora não sejam alvo direto das agressões, muitos alunos podem sentir-se desconfortáveis com o que testemunham e inseguros sobre como agir e também sofrem, com potencial influência negativa em seu desenvolvimento acadêmico e social (Almeida et al, 2008; Botelho & Souza, 2007). As vítimas que também são agressoras, por sua vez, são consideradas o grupo mais vulnerável, com maior propensão a serem diagnosticadas com hiperatividade, depressão, menor envolvimento acadêmico e necessidade de tratamento psiquiátrico (Santos et al, 2015).

Além do ambiente escolar, o contexto desportivo representa outro cenário no qual muitas crianças e adolescentes dedicam uma quantidade significativa do seu tempo. Clubes e associações desportivas desempenham um papel importante na formação e desenvolvimento de crianças e jovens (Vaz et al, 2022). Estudos recentes têm enfatizado o fenómeno do *bullying* no ambiente desportivo como uma preocupação crescente entre os pesquisadores. O desempenho do atleta apresenta uma correlação significativa com seu bem-estar e autoestima. Contudo se o atleta se encontra incapacitado de atingir os padrões desejados, ficará mais vulnerável, podendo levar a manifestações de comportamentos de *bullying*. Os elevados níveis de experimentados pelas vítimas em decorrência do *bullying*, podem reduzir não só a sua performance individual como também a eficácia global da equipa. Neste sentido, a literatura refere que o desgaste provocado pelo *bullying*, a sensação de impotência e a vergonha experimentada, podem levar a pensamentos de abandono da prática desportiva (Marracho et al, 2021).

Estudos sobre o tema revelaram a presença de *bullying* físico, verbal e social no contexto desportivo, destacando-se o balneário, os treinos e as competições desportivas, como o local mais propício para acontecerem os episódios de *bullying* (Aguilar et al, 2020; Marracho et al, 2021; Ríos et al, 2022) e uma tendência para as vítimas culpabilizarem-se perante este fenómeno relacionado com as capacidades motoras e as características físicas e psicológicas (Ríos et al, 2022). Acredita-se que exista uma tendência para que os menos aptos neste contexto e vítimas de *bullying* tendam a abandonar a prática desportiva ou mudem de modalidade, almejando um ambiente e contexto em que sintam que estão mais integrados (Nevy et al 2015). No que diz respeito à percepção dos atletas e treinadores sobre a do fenómeno do *bullying*, estudo indicam que a maioria acredita que

o principal objetivo do *bullying* é induzir sentimentos negativos nos outros e destacaram a idade como um fator de vulnerabilidade para a vitimização entre pares (Marracho et al, 2021). Muitos atletas e treinadores não relatam ter conhecimento de episódios de *bullying* pois, percebem a ocorrência dos mesmos como um ato de interação entre pares e como sendo uma brincadeira ou um jogo, desprovidos de malícia, ou, ainda, integrantes da rotina desportiva, justificando-se, assim, situações potencialmente abusivas como uma faceta intrínseca do ambiente desportivo (Grau et al, 2020; Marracho et al, 2021). Estudos mostram que atletas com vínculos mais frágeis com os colegas de equipa têm uma maior tendência para serem vítimas, em comparação os que relataram relacionamentos mais fortes com os treinadores assumiram o papel de agressores (Evans et al, 2016).

## **Capítulo II: Estudo Empírico**

## 5. Introdução

Este capítulo tem como objetivo abordar, de acordo com a revisão de literatura e em consonância com alguns autores, o percurso metodológico usado nesta dissertação que tem como foco investigar a incidência do *bullying* no contexto desportivo e as consequências deste fenómeno do ponto de vista das testemunhas. Para isso, serão mostrados os objetivos gerais e específicos que orientaram toda a execução do presente trabalho, as variáveis do mesmo, a descrição do método que inclui uma caracterização da amostra, o instrumento utilizado para a recolha de dados e procedimentos técnicos e metodológicos utilizados durante a investigação, assim como a apresentação de resultados e discussão dos mesmos.

A questão de partida para esta investigação foi: qual será o impacto do *bullying* no contexto desportivo nos diferentes escalões? A partir desta pergunta de partida foram delineados objetivos e traçado um projeto de investigação específico para que pudessem ser alcançados os objetivos propostos e para que fossem encontradas uma ou mais respostas para a mesma.

## 6. Objetivos

Foi realizada uma revisão da literatura, com o objetivo de perceber os estudos que foram realizados sobre a temática escolhida. Após essa revisão, verificou-se a necessidade de haver mais estudos sobre o *bullying*, principalmente no contexto desportivo pois a maior parte dos estudos feitos são realizados em contexto escolar. A revisão mostrou quais os aspetos importantes a serem investigados, permitindo assim considerar o objetivo geral: verificar a incidência do *bullying* no contexto desportivo, em atletas em formação no futebol dos 10 aos 15 anos

Como objetivos específicos considerou-se:

Objetivo 1: Conhecer em que escalão o *bullying* ocorre com mais frequência

Objetivo 2: Perceber a perceção que os atletas têm sobre o *bullying* no contexto desportivo

Objetivo 3: Verificar se existiu abandono devido ao *bullying*

Objetivo 4: Saber se os agressores exercem o *bullying* individualmente ou em grupo

Objetivo 5: Verificar a frequência com que ocorre o fenómeno do *bullying*

Objetivo 6: Saber quem são os agressores

Objetivo 7: Conhecer qual o tipo de *bullying* mais frequente

Objetivo 8: Perceber quais são os locais mais frequente onde ocorre o *bullying*

Objetivo 9: Saber quais as reações mais frequentes das vítimas após os episódios de *bullying*

Objetivo 10: Conhecer a frequência com as vítimas de *bullying* faltaram aos treinos

Objetivo 11: Saber qual a percepção dos atletas sobre o motivo pelo qual as vítimas sofrem de *bullying*

Objetivo 12: Perceber qual a percepção dos atletas sobre o motivo pelo qual os agressores praticam o *bullying*

Objetivo 13: Entender qual a percepção dos atletas sobre as emoções sentidas pelas testemunhas

Objetivo 14: Conhecer qual a percepção dos atletas sobre o que consideram que as testemunhas podem/devem fazer

Objetivo 15: Apurar qual a percepção dos atletas sobre a capacidade de serem agressores

Objetivo 16: Conhecer quais as ações dos treinadores ou adultos face aos comportamentos do *bullying*

Objetivo 17: Perceber quem intervém face às situações de *bullying*

Objetivo 18: Conhecer qual a percepção dos atletas sobre quais medidas as instituições devem aplicar para combater o *bullying*

## **7. Metodologia**

A presente dissertação utilizou como método de investigação uma abordagem do tipo quantitativo descritivo contando com uma amostra por conveniência ou não probabilística uma vez que esta foi reunida no local de estágio da investigadora.

As variáveis desta investigação são descritivas, sendo as principais a incidência do *bullying* e as consequências do mesmo e tendo como variável secundária o escalão em que o participante se encontra

## 7.1. Participantes

A população alvo deste estudo foram atletas do sexo masculino de formação em futebol. É uma amostra por conveniência ou não probabilística. Os participantes têm idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos ( $M=12,16$ ;  $DP=1,620$ ), abrangendo 4 escalões de competição (Sub 10, Sub 11, Sub 13 e Sub 15) e turmas de futebol **que não têm competições oficiais**.

Na tabela 1 podemos observar como está distribuída a amostra.

**Tabela 1:**

*Caracterização da amostra segundo a idade e o escalão*

		Escalão					Total N(%)
		Sub10 N(%)	Sub11 N(%)	Sub13 N(%)	Sub15 N(%)	Turmas N(%)	
Idade	10	8(100%)	5(62,5%)	0(0%)	0(0%)	2(28,6%)	15(22,4%)
	11	0(0%)	3(37,5%)	5(23,8%)	0(0%)	2(28,6%)	10(14,9%)
	12	0(0%)	0(0%)	12(57,1%)	0(0%)	1(14,3%)	13(19,4%)
	13	0(0%)	0(0%)	4(19%)	8(34,8%)	0(0%)	12(17,9%)
	14	0(0%)	0(0%)	0(0%)	10(43,5%)	2(28,2%)	12(17,9%)
	15	0(0%)	0(0%)	0(0%)	5(21,7%)	0(0%)	5(7,5%)
Total		8(100%)	8(100%)	21(100%)	23(100%)	7(100%)	67(100%)

## 7.2. Instrumento

O instrumento utilizado foi um questionário (Costa & Calobra, s/d) constituído por 28 perguntas, com o intuito de recolher informações sobre a frequência e duração dos comportamentos do *bullying*, os intervenientes envolvidos, o tipo de agressão mais frequente, assim como os locais e contextos onde estes ocorrem. Outras variáveis a serem exploradas são os motivos atribuídos à existência de *bullying*, os sentimentos face ao mesmo, redes de apoio às vítimas e estratégias de resolução de conflitos. As respostas são dadas por uma escala do tipo Likert. Consoante a natureza das questões, algumas apresentam a possibilidade de resposta por múltipla escolha. Este questionário é destinado a atletas de futebol com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos. Para a sua elaboração foram seguidos os procedimentos considerados necessários como a

construção de uma piscina de itens, apoiados na literatura sobre o tema, elaboração do questionário, solicitação de um parecer a dois especialistas e administração do mesmo a 5 atletas, semelhantes à amostra mas que não fizeram parte dos participantes. Foi solicitado a reflexão falada. Houve a adequação da linguagem de forma a torna-la mais perceptiva pelos mais novos.

### **7.3. Procedimentos**

Inicialmente foi realizada uma revisão da literatura para conhecermos o estado da arte e foi elaborado um projeto de investigação e solicitado à Comissão de Ética da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa o parecer, que foi positivo.

Entramos em contacto com os responsáveis do Departamento de Psicologia e Pedagogia de uma escola de futebol do grande Porto, apresentando o estudo, os objetivos e a sua finalidade. Após a resposta positiva, contactaram-se os pais/encarregados de educação, via telefónica, para apresentação do estudo e agendamento da recolha de dados. De seguida, via *e-mail*, foi enviado o consentimento informado com uma folha de rosto onde estavam explanados os objetivos do estudo. Foi ainda disponibilizado o *e-mail* da investigadora para esclarecimento de qualquer dúvida. Após a receção dos consentimentos devidamente assinados foram contactados os atletas e solicitado o seu assentimento para o preenchimento do inquérito por questionário.

O instrumento utilizado foi um questionário anónimo e confidencial, preenchido pelos participantes, com as idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos. Os questionários foram preenchidos em pequeno grupo, em horário a combinar, na escola de futebol. Quando terminaram, colocaram o questionário dentro da urna construída para o efeito e esta só foi aberta pela investigadora quando todos os participantes da escola responderam ao questionário, para manter o anonimato. Todos os dados recolhidos apenas foram acessíveis às investigadoras envolvidas neste estudo e destruídos após conclusão do mesmo. Não foram feitas questões que possam identificar o atleta (ex: nome).

## **8. Apresentação de Resultados**

Para responder ao objetivo geral, verificar a incidência do *bullying* no contexto desportivo, em atletas em formação no futebol dos 10 aos 15 anos, questionou-se os

atletas sobre se conhecem ou não alguém que foi vítima de *bullying*. 35 participantes (52,2%) responderam que sim e 32 dos participantes (47,8%) disseram que não.

Já relativamente ao objetivo 1, conhecer em que escalão o *bullying* ocorre com mais frequência, podemos observar na Tabela 2 que, a maioria dos atletas que afirmaram conhecer alguém que já foi vítima de *bullying* são do escalão de Sub 13, que compreende idades entre os 11 e os 13 anos e de seguida no escalão de Sub 15, que compreende idades entre os 13 e os 15 anos.

**Tabela 2:**

*Incidência do Bullying por Escalão*

		Sim	Não
		N(%)	N(%)
Escalão	Sub 10	3(8,6%)	5(15,5%)
	Sub 11	6(17,1%)	2(6,3%)
	Sub 13	13(37,1%)	8(25%)
	Sub 15	10(28,6%)	13(40,6%)
	Turmas	3(8,6%)	4(12,5%)
Total		35(100%)	32(100%)

Para responder ao objetivo 2, perceber a perceção que os atletas têm sobre o *bullying* no contexto desportivo, foram colocadas 10 questões sobre o que é o *bullying* e *cyberbullying*, os objetivos e as consequências deste fenómeno. As opções de resposta eram discordo totalmente, discordo parcialmente, não concordo, nem discordo, concordo parcialmente e concordo totalmente. Como é possível observar na Tabela 3, a maioria dos atletas concorda totalmente que o *bullying* são atos de violência psicológica e física que podem ser praticados por uma ou mais pessoas, de forma intencional e repetida com o objetivo de humilhar, intimidar, inferiorizar, violentar e ameaçar um outro indivíduo incapaz de se defender. A maioria dos participantes também concorda totalmente que o *bullying* verbal é quando o indivíduo é insultado, ameaçado, alvo de boatos e alcunhas depreciativas, o *bullying* físico é quando o indivíduo sofre agressões físicas como pontapés, chapadas, empurrões, socos e o *cyberbullying* é quando publicam fotos e/ou insultos pela *internet*. No que diz respeito a expressões como “és feio”, “és gordo” serem consideradas *bullying*, a maior parte dos participantes concorda totalmente, ou

parcialmente com a afirmação. Já em relação à expressão “és mesmo fraco, nem um pontapé sabes dar” a maioria dos atletas afirmou que não concorda, nem discorda com a afirmação, porém 21 dos participantes concorda parcialmente com a afirmação e 15 concordam totalmente.

A grande parte dos atletas concorda totalmente que o *bullying* traz consequências negativas na vida de quem é intimidado/maltratado.

No que diz respeito à afirmação “É considerado *bullying* quando em atividades ou jogos, o último a ser escolhido pelos colegas é sempre o mesmo atleta”, maior parte dos atletas responderam que não concordam, nem discordam com a afirmação, seguido de 13 atletas que concordam totalmente, 12 que concordam parcialmente e 11 que discordam parcialmente com a afirmação.

Quando questionados sobre se o *bullying* acontece no contexto desportivo, a maioria dos participantes afirmou que concorda totalmente, 20 participantes concordam parcialmente com a afirmação e 16 não concordam, nem discordam.

**Tabela 3:**

*Percepção dos Atletas Sobre o Bullying*

	Discordo Totalmente N(%)	Discordo Parcialmente N(%)	Não concordo, nem discordo N(%)	Concordo Parcialmente N(%)	Concordo Totalmente N(%)
Item 1	4(6%)	0(0%)	6(9%)	8(11,9%)	48(71,6%)
Item 2	0(0%)	1(1,5%)	8(11,9%)	14(20,9%)	43(64,2%)
Item 3	1(1,5%)	1(1,5%)	7(10,4%)	14(20,9%)	43(64,2%)
Item 4	2(3%)	5(7,5%)	23(34,3%)	21(31,3%)	15(22,4%)
Item 5	0(0%)	0(0%)	12(17,9%)	18(26,9%)	36(53,7%)
Item 6	0(0%)	1(1,5%)	8(11,9%)	11(16,4%)	47(70,1%)
Item 7	2(3%)	0(0%)	10(14,9%)	15(22,4%)	40(59,7%)
Item 8	8(11,9%)	11(16,4%)	22(32,8%)	12(17,9%)	13(19,4%)
Item 9	7(10,4%)	2(3%)	16(23,9%)	20(29,9%)	22(32,8%)
Item 10	0(0%)	2(3%)	6(9%)	14(20,9%)	44(65,7%)

Relativamente ao objetivo 3, verificar se existiu abandono devido ao *bullying*, questionou-se os participantes sobre se conhecem alguém que já abandonou o futebol por ter sido vítima de *bullying*, 42 atletas (62,7%) responderam que não e 25 (37,3%) responderam que sim.

Os resultados relativos ao objetivo 4, saber se os agressores exercem o *bullying* individualmente ou em grupo, dizem que dos participantes que relataram conhecer alguém vítima de *bullying* 15 (22,4%) afirmaram que estes foram intimidados por mais do que um colegas, 11 (16,4%) não sabem por quantos colegas foram intimidadas e/ou maltratadas as vítimas e 9 (13,4%) afirmam que os ataques foram realizados por apenas um colega.

No que diz respeito ao objetivo 5, verificar a frequência com que ocorre o fenómeno do *bullying*, podemos observar na Tabela 4 que a maioria relata que os ataques ocorram ocasionalmente.

**Tabela 4:**

*Frequência com que ocorre o fenómeno do bullying*

Frequência com que ocorre	N	%
Raramente	6	9%
Ocasionalmente	17	25,4%
Frequentemente	6	9%
Muito frequentemente	1	1,5%

Relativamente ao objetivo 6, saber quem são os agressores, é possível observar na Tabela 5, que na maior parte dos casos os agressores eram da mesma equipa e mais velhos que as vítimas.

**Tabela 5:**

*Agressores*

Agressores	N	%
Mais velhos	10	14,9%
Mais novos	5	7,5%
Da mesma equipa	21	31,3%
De outras equipas	10	14,9%

Para responder ao objetivo 7, conhecer qual o tipo de *bullying* mais frequente, questionou-se os atletas sobre a forma como foram intimidadas e/ou maltratadas as vítimas, a maioria dos participantes, como podemos observar na Tabela 6, disse que foi através de insultos, alcunhas pejorativas, provocações e/ou boatos.

**Tabela 6:**

*Tipos mais frequentes de bullying*

Tipos de <i>bullying</i>	N	%
Insultos, alcunhas pejorativas, provocações, boatos	23	34,3%
Agressões físicas como empurrões, socos, estalos	7	10,4%
Internet ou por via móvel	3	4,5%
Exclusão	5	7,5%
Escondem/roubam/estragam pertences	3	4,5%
Referências desagradáveis à orientação sexual	3	4,5%

Relativamente ao objetivo 8, perceber quais são os locais mais frequente onde ocorre o *bullying*, como podemos verificar na Tabela 7, a maioria dos atletas relatou que é nos treinos, seguido do balneário.

**Tabela 7:**

*Locais mais frequente onde ocorre o bullying*

Locais onde ocorrem	N	%
Balneário	15	22,4%
Competições/jogos	5	7,5%
Treinos	20	29,9%
Nos transportes a ir para os jogos	4	6%

Relativamente ao objetivo 9, saber quais as reações mais frequentes das vítimas após os episódios de *bullying*, podemos observar na Tabela 8, que a maioria das vítimas começam a chorar após a ocorrência destes ataques.

**Tabela 8:**

*Reações mais frequentes das vítimas após os episódios de bullying*

Reações das vítimas	N	%
Não fazem nada	10	14,9%
Começam a chorar	12	17,9%
Vão-se embora	8	11,9%
Falam com a família	6	9%
Falam com o treinador	6	9%
Falam com os colegas	2	3%
Fazem o mesmo que lhes fazem a eles	8	11,9%

No que diz respeito ao objetivo 10, conhecer a frequências com que faltaram aos treinos, devido aos episódios de *bullying* durante esta época desportiva, a maioria dos participantes (N=16, 23,9%) relataram que pelo menos uma vez por semana as vítimas faltaram aos treinos.

Para responder ao objetivo 11, saber qual a perceção dos atletas sobre o motivo pelo qual as vítimas sofrem de *bullying*, questionou-se os participantes sobre o porquê de as vítimas serem maltratadas, os resultados, apresentados na Tabela 9, mostram que a maioria dos participantes não sabe o motivo ou então pensam que é por serem mais fracas.

**Tabela 9:**

*Perceção dos atletas sobre o motivo pelo qual as vítimas sofrem de bullying*

Motivos pelo qual sofrem <i>bullying</i>	N	%
Não sabem	12	17,9%
Provocam os agressores	6	9%
São mais fracas	11	16,4%
Não reagem	9	13,4%
Reagem exageradamente	4	6%

Orientação sexual diferente	1	1,5%
Os agressores acham piada	7	10,4%
Os agressores gostas de incomodar	4	6%

Já quanto ao objetivo 12 de perceber qual a percepção dos atletas sobre o motivo pelo qual os agressores praticam o *bullying*, podemos verificar na Tabela 10 que a maioria respondeu que é para se sentirem superiores e/ou populares.

**Tabela 10:**

*Percepção dos atletas sobre o motivo pelo qual os agressores praticam o bullying*

Motivos pelo qual praticam <i>bullying</i>	N	%
Não sabem	24	35,8%
Sentem raiva	9	13,49%
Para se sentirem superiores e/ou populares	27	40,3%
Para mostrar aos outros que são fortes	17	25,4%
São provocados pelo grupo/para se sentirem parte do grupo	8	11,9%
Por as vítimas serem diferentes	11	16,4%
Por acharem que a orientação sexual das vítimas é diferente	4	6%

No que diz respeito ao objetivo 13, entender qual a percepção dos atletas sobre as emoções sentidas pelas testemunhas, os resultados apresentados na Tabela 11 mostram que a maioria dos atletas pensam que as testemunhas sentem sentimentos negativos quando vêm alguém a ser intimidado e/ou maltratado.

**Tabela 11:**

*Percepção dos atletas sobre as emoções sentidas pelas testemunhas*

Sentimentos vivenciados pelas testemunhas	N	%
Não sabem	20	29,9%
Não sentem nada	1	1,5%

Evitam ver	13	19,4%
Sentimentos negativos	36	53,7%
Sentimentos positivos	1	1,5%

Relativamente ao objetivo 14, conhecer qual a percepção dos atletas sobre o que consideram que as testemunhas podem/devem fazer, podemos observar na Tabela 12 que a maioria da amostra respondeu que as testemunhas deviam chamar um treinador ou um adulto que se encontre no local.

**Tabela 12:**

*Percepção dos atletas sobre o que consideram que as testemunhas podem/devem fazer*

O que as testemunhas podem/devem face ao <i>bullying</i>	N	%
Nada com medo das consequências	6	9%
Chamar um treinador ou um adulto	43	64,2%
Intervir e defender a vítima	28	41,8%
Apenas observar	6	9%
Juntar-se ao agressor	4	6%
Rir-se da situação	3	1,5%

Relativamente ao objetivo 15, apurar qual a percepção dos atletas sobre a capacidade de serem agressores, os resultados mostram que 18 dos participantes (26,9%) responderam que “nunca”, 26 (38,8%) responderam que não sabem porquê e 22 (32,8%) responderam que “sim, se forem provocadas”.

Sobre o objetivo 16, conhecer quais as ações dos treinadores ou adultos face aos comportamentos do *bullying*, os resultados, como pode observar-se na Tabela 13, mostram que na perspetiva da maioria dos participantes os treinadores intervêm e repreendem quem está a intimidar e/ou maltratar alguém. É importante mencionar que 12 atletas responderam que os treinadores não fazem nada, pois pensam que é uma brincadeira e 6 atletas relataram que os treinadores ajudam os agressores na intimidação e/ou maltrato da pessoa em questão, fazendo piadas e incentivando o comportamento dos mesmos.

**Tabela 13:**

*Ações dos treinadores ou adultos face aos comportamentos do bullying*

Ação dos treinadores ou adultos	N	%
Não se aplica	10	14,9%
Não fazem nada	1	1,5%
Pensam que é brincadeira e não fazem por isso mesmo	12	17,9%
Ajudam o(s) agressor(es), fazendo piadas e incentivando o comportamento dos outros	6	9%
Intervém e repreendem	37	55,2%

Relativamente ao objetivo 17, perceber quem intervém face às situações de *bullying*, pode observar na Tabela 14, que a maioria dos atletas relata que quem costuma intervir nestas situações é o treinador ou um outro adulto por perto e 14 dos atletas relatam que quem normalmente intervém são os colegas.

**Tabela 14:**

*Quem intervém face às situações de bullying*

Quem intervém	N	%
Não se aplica	14	20,9%
Ninguém porque não estão presentes	5	7,5%
Colega	14	20,9%
Treinador ou adulto por perto	33	49,3%

E por fim, para responder ao objetivo 18, conhecer qual a perceção dos atletas sobre quais medidas as instituições devem aplicar para combater o *bullying*, os resultados mostram que para 27 (40,3%) dos participantes o mais importante é supervisionar os locais mais propícios a ocorrer este fenómeno, 23 (34,3%) dos participantes acham que é importante estabelecer regras e também 23 (34,3%) dos participantes pensam que seria importante falar sobre o tema em ações de formação.

## 9. Análise e Discussão de Resultados

Neste ponto irão ser discutidos e interpretados os resultados obtidos e apresentados anteriormente e, sempre que possível, comparando-os com a revisão da literatura.

Relativamente à discussão do objetivo 1, conhecer em que escalão o *bullying* ocorre com mais frequência, foi observado que a maioria dos atletas que afirmaram conhecer alguém que já foi vítima de *bullying* são do escalão de Sub 13, que compreende idades entre os 11 e os 13 anos, e de seguida no escalão de Sub 15, que compreende idades entre os 13 e os 15 anos. Estes resultados vão de encontro com a literatura encontrada sobre o tema, que dizem que estas idades são onde a incidência do *bullying* é mais significativa (Lopez et al, 2011; Neto, 2005).

Relativamente ao objetivo 2, perceber a perceção que os atletas têm sobre o *bullying* no contexto desportivo, não foram encontrados diferentes estudos sobre o tema, de modo que um dos objetivos desta investigação era explorar novos aspetos do *bullying* no contexto desportivo. Os resultados, em concordância com a literatura (Marracho et al, 2021) mostram que a maioria dos participantes têm uma boa perceção sobre o que é o *bullying* e as consequências que este pode trazer para as vítimas pois a maioria concorda totalmente que o *bullying* são atos de violência psicológica e física que podem ser praticados por uma ou mais pessoas, de forma intencional e repetida com o objetivo de humilhar, intimidar, inferiorizar, violentar e ameaçar um outro indivíduo incapaz de se defender, que o *bullying* verbal é quando o indivíduo é insultado, ameaçado, alvo de boatos e alcunhas depreciativas, o *bullying* físico é quando o indivíduo sofre agressões físicas como pontapés, chapadas, empurrões, socos e o *cyberbullying* é quando publicam fotos e/ou insultos pela internet. Já no que diz respeito a certas expressões, a revisão da literatura diz que muitos atletas avaliam os episódios como meras brincadeiras e algo normativo no contexto desportivo (Grau et al, 2020; Marracho et al, 2021). Nesta investigação o mesmo pode ser observado visto que, quando questionados sobre a expressão “és mesmo fraco, nem um pontapé sabes dar” ser considerada *bullying*, a maioria dos atletas afirma que não concorda, nem discorda com a afirmação porém quando questionados sobre se a expressão “és feio”, “és gordo” ser considerada *bullying*, a maior parte dos participantes concorda totalmente, ou parcialmente com a afirmação, o que revela que estes participantes em específico, têm uma melhor compreensão sobre que

expressões são ou não consideradas *bullying*. A grande parte dos atletas concorda totalmente que o *bullying* traz consequências negativas na vida de quem é intimidado/maltratado e relatam que sim, o *bullying* acontece no contexto desportivo. Acredita-se que esta capacidade de percepção deste grupo específico de atletas sobre o fenómeno do *bullying*, seja o resultado de uma formação contínua sobre o tema durante a época desportiva visto que é uma temática fundamental de ser abordada na escola de futebol em questão.

Relativamente ao objetivo 3, verificar se existiu abandono devido ao *bullying*, a literatura diz que existe uma maior tendência para que vítimas de *bullying* abandonem a atividade (Aguilar et al, 2020; Grau et al, 2020; Nevy et al, 2015), os resultados mostram que 37,3% responderam que conhecem alguém que abandonou o futebol devido a terem sido vítimas de *bullying*, o que é considerado um valor muito elevado.

Analisando o objetivo 4, saber se os agressores exercem o *bullying* individualmente ou em grupo, a literatura mostra que a maioria dos agressores possui um pequeno grupo de seguidores que, por sua vez, também tendem a intimidar as vítima (Aguilar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010, Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005), os resultados indicam que, dos participantes que relataram conhecer alguém vítima de *bullying*, a maioria foram intimidados por mais do que um colega.

No que diz respeito ao objetivo 5, verificar a frequência com que ocorre o fenómeno do *bullying*, um estudo anterior (Parks et al, 2020) indicou que os episódios ocorriam 1 a 2 vezes por semana ou algumas vezes por semana. Analisando os resultados desta investigação, a maioria relata que os ataques ocorrem ocasionalmente.

Relativamente ao objetivo 6, saber quem são os agressores, a literatura indica que frequentemente os agressores são mais velhos que as vítimas e mais próximos da mesmas (Lopez, 2012; Neto, 2005), o que se verifica no presente estudo, visto que na maior parte dos casos, os participantes afirmaram que os agressores eram da mesma equipa e mais velhos que as vítimas.

Para responder ao objetivo 7, conhecer qual o tipo de *bullying* mais frequente, a literatura mostra que no *bullying* em geral, especialmente entre o sexo masculino, o tipo mais frequente de *bullying* é o físico seguido do *bullying* verbal (Aguilar & Barrera, 2017;

Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005, Vaz et al, 2022) porém, no contexto desportivo, é muito frequente o *bullying* por exclusão, especialmente quando o atleta é considerado menos apto (Gonçalves et al, 2019). Nesta investigação, os resultados indicam que a maioria dos participantes, disseram que o *bullying* foi realizado através de insultos, alcunhas pejorativas, provocações e/ou boatos, seguido de agressões físicas e exclusão social. Acredita-se que no caso específico destes atletas, o controlo sobre os mesmos é bastante rigoroso pois os pais acompanham os atletas na maioria das atividades desportivas (treinos e competições) e os treinadores ou agentes desportivos têm um maior controlo sobre o balneário e os treinos, o que faz com que não sejam toleradas agressões físicas porém as agressões verbais, como indica a literatura (Aguilar et al, 2020; Grau et al, 2020; Marracho et al, 2021), passam mais despercebidas ou são interpretadas como sendo brincadeiras, comuns no mundo desportivo.

Relativamente ao objetivo 8, perceber quais são os locais onde mais frequentemente ocorre o *bullying*, a literatura indica que o local mais frequente para a ocorrência do *bullying* é o balneário, seguido dos treinos e competições (Aguilar et al, 2020; Marracho et al, 2021). Neste caso, a maioria dos atletas relatou que é nos treinos, seguido do balneário. Acredita-se, o motivo para estes resultados indicarem que a maioria dos episódios ocorrem durante os treinos, seja igual ao motivo do objetivo anterior. Estes atletas, em específico, são mais controlados no balneário e não é dado muito espaço para que interajam neste local, sendo recomendado que o convívio seja feito após os jogos/treinos, fora do balneário, em locais apropriados. Mais uma vez, o facto de o tipo de *bullying* mais frequente ser o verbal e os treinadores muitas vezes percecionarem este tipo como meras brincadeiras, dá mais abertura a que os episódios de *bullying* ocorram durante os treinos.

Relativamente ao objetivo 9, saber quais as reações mais frequentes das vítimas após os episódios de *bullying*, a literatura diz que a maioria das vítimas de *bullying* tendem a ser mais inseguras, a serem menos sociáveis e tendem a não partilhar e denunciar os episódios de *bullying* (Aguilar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005, Vaz et al, 2022), desde modo, os resultados vão de encontro à literatura, podendo-se observar que a maioria das vítimas começam a chorar após a ocorrência destes ataques e uma grande parte não fazem nada ou vão-se embora.

Uma menor percentagem de vítimas, falam com a família, treinadores ou colegas de equipa.

No que diz respeito ao objetivo 10, conhecer a frequência com que faltaram aos treinos, a literatura encontrada sobre o quantidade de vezes que os atletas vítimas de *bullying* faltam aos treinos indica que existe uma maior tendência para que vítimas de *bullying* abandonem a atividade (Aguilar et al, 2020; Grau et al, 2020; Nevy et al, 2015) e que uma das principais consequências do *bullying* é uma insatisfação com o meio social e resistência em frequentar os locais onde ocorrem os episódios de *bullying* (Almeida et al, 2008; Botelho & Souza, 2007; Santos et al, 2015; Neto, 2005). Os resultados do estudo mostram que a maioria dos participantes relataram que as vítimas de *bullying*, pelo menos uma vez por semana, faltaram aos treinos, o que vai de encontro à literatura.

Quanto ao objetivo 11, saber qual a perceção dos atletas sobre o motivo pelo qual as vítimas sofrem de *bullying*, a revisão da literatura mostra que os atletas acreditam que as vítimas de *bullying* são normalmente mais novas, com baixa autoestima (Marracho et al, 2021), aparência física do atleta e o baixo nível de capacidade atlético (Aguilar et al, 2020). Os resultados vão de acordo com a literatura pois o motivo mais referido pelos atletas para o porquê de as vítimas serem maltratadas foi por serem mais fracas. A maioria ainda assim não sabe qual o motivo para que estes episódios ocorram, o que pode indicar uma incompreensão por parte dos participantes em relação ao *bullying*.

Por outro lado, relativamente ao objetivo 12, perceber qual a perceção dos atletas sobre o motivo pelo qual os agressores praticam o *bullying*, a literatura mostra que os atletas acreditam que o principal motivo para a prática do *bullying* pode ser para inferiorizar a vítima e deste modo sentirem-se superiores (Marracho et al, 2021). O resultado obtido após a aplicação do questionário vai de encontro à literatura uma vez que a maioria respondeu que o principal motivo pelo qual os agressores praticam o *bullying* é para se sentirem superiores e/ou populares. Assim como o objetivo anterior, **uma grande parte** dos participantes relata não saber porque os agressores praticam o *bullying*, o que mais uma vez pode indicar uma falta de compreensão das atitudes dos atletas agressores.

No que diz respeito ao objetivo 13, entender qual a perceção dos atletas sobre as emoções sentidas pelas testemunhas, os resultados mostram que a maioria dos atletas pensam que as testemunhas sentem sentimentos negativos quando **veem** alguém a ser intimidado e/ou

maltratado. Estes resultados são corroborados pela literatura que diz que a maioria das testemunhas se sentem desconfortáveis com o que presenciam, manifestam inseguranças sobre como agir perante os episódios de *bullying* (Aguilar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005).

Relativamente ao objetivo 14, conhecer qual a percepção dos atletas sobre o que consideram que as testemunhas podem/devem fazer, apesar da literatura indicar que a maioria das vítimas e até mesmo testemunhas tende a manter o silêncio (Aguilar & Barrera, 2017; Aguilar et al, 2020; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005), a maioria dos atletas respondeu que as testemunhas deviam chamar um treinador ou um adulto que se encontre no local, o que revela que como testemunhas, os atletas têm a consciência que a melhor ação a ser tomada é a de reportar o que está a acontecer a alguém de confiança, preferencialmente um adulto que possa agir em conformidade.

Relativamente ao objetivo 15, apurar qual a percepção dos atletas sobre a capacidade de serem agressores, não foram encontrados estudos sobre as percepções dos atletas sobre o tema porém, os resultados mostram que a maioria dos participantes deste estudo, responderam que não sabem se qualquer pessoa se pode tornar um agressor, o que mostra mais uma vez, uma incompreensão sobre os episódios de *bullying*.

Sobre o objetivo 16, conhecer quais as ações dos treinadores ou adultos face aos comportamentos do *bullying*, os resultados mostram que na perspetiva da maioria dos participantes os treinadores intervêm e repreendem quem está a intimidar e/ou maltratar alguém porém, é importante ter em atenção os participantes que responderam que os treinadores não fazem nada, pois pensam que é uma brincadeira e os atletas que relataram que os treinadores ajudam os agressores na intimidação e/ou maltrato da pessoa em questão, fazendo piadas e incentivando o comportamento dos mesmos. Segundo a literatura, a maioria dos treinadores, especialmente no *bullying* verbal, percebe os episódios de *bullying* como sendo inofensivos e muitas vezes ficam surpresos ao descobrirem que existia *bullying* nas suas equipas (Aguilar et al, 2020; Grau et al, 2020; Marracho et al, 2021). 6 atletas reportaram que os treinadores muitas vezes participam das brincadeiras, fazendo piadas e incentivando os comportamentos de *bullying*, pensa-se que estes resultados sejam o espelho do que foi referido anteriormente. É fundamental que os treinadores recebam formação constante para que possam desenvolver uma maior

consciência sobre o problema e assumam a responsabilidade pelos episódios de *bullying* quando estes ocorrem dentro da sua equipa, num ambiente controlado por si.

Relativamente ao objetivo 17, perceber quem intervém face às situações de *bullying*, a maioria dos atletas relata que quem costuma intervir nestas situações é o treinador ou um outro adulto por perto e 14 dos atletas relatam que quem normalmente intervém são os colegas. Apesar de não terem sido encontrados estudo sobre, pelos que foram encontrados podemos perceber que normalmente as testemunhas do *bullying* optam pelo silêncio com medo das consequências (Aguilar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Cavalhosa et al, 2001; Neto, 2005). Mesmo assim, neste grupo em específico, uma quantidade significativa de participantes relatou que quem intervém face aos episódios de *bullying* são os colegas.

E por fim, para responder ao objetivo 18, conhecer qual a perceção dos atletas sobre quais medidas as instituições devem aplicar para combater o *bullying*, a literatura mostra que os atletas acreditam que é importante sensibilizar e prevenir. Os resultados vão de acordo com a literatura visto que a maioria dos participantes acredita que o mais importante é supervisionar os locais mais propícios a ocorrer este fenómeno, estabelecer regras e falar sobre o tema em ações de formação (Marracho et al, 2021).

## **10. Síntese**

Neste capítulo abordou-se, de acordo com a revisão de literatura e em consonância com alguns autores, o percurso metodológico usado nesta dissertação como base numa pergunta de partida: qual será o impacto do *bullying* no contexto desportivo nos diferentes escalões? Pretendeu-se, ao longo do capítulo cumprir diferentes objetivos, sendo o objetivo geral o de verificar a incidência do *bullying* no contexto desportivo, em atletas em formação no futebol dos 10 aos 15 anos.

Os objetivos específicos passaram por conhecer em que escalão o ocorre com mais frequência, perceber a perceção que os atletas têm sobre o *bullying* no contexto desportivo, verificar se existiu abandono devido ao *bullying*, saber se os agressores exercem o *bullying* individualmente ou em grupo, verificar a frequência com que ocorre o fenómeno do *bullying*, saber quem são os agressores, conhecer qual o tipo de *bullying* mais frequente, perceber quais são os locais mais frequente onde ocorre o *bullying*, saber quais as reações mais frequentes das vítimas após os episódios de *bullying*, conhecer a

frequência com as vítimas de *bullying* faltaram aos treinos, saber qual a percepção dos atletas sobre o motivo pelo qual as vítimas sofrem de *bullying*, perceber qual a percepção dos atletas sobre o motivo pelo qual os agressores praticam o *bullying*, entender qual a percepção dos atletas sobre as emoções sentidas pelas testemunhas, conhecer qual a percepção dos atletas sobre o que consideram que as testemunhas podem/devem fazer, apurar qual a percepção dos atletas sobre a capacidade de serem agressores, conhecer quais as ações dos treinadores ou adultos face aos comportamentos do *bullying*, perceber quem intervém face às situações de *bullying* e conhecer qual a percepção dos atletas sobre quais medidas as instituições devem aplicar para combater o *bullying*.

Para que tal fosse possível fez-se uso de um método de investigação uma abordagem do tipo quantitativo descritivo contando com uma amostra por conveniência ou não probabilística uma vez que esta foi reunida no local de estágio da investigadora, atendendo estudar variáveis como a incidência do *bullying*, as consequências do mesmo e os escalão em que se encontra o participante.

O estudo contou com 67 atletas praticantes de futebol do sexo masculino com idades com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos, abrangendo 4 escalões de competição e turmas de futebol.

O instrumento utilizado foi um questionário constituído por 28 perguntas, para recolher dados sobre a frequência e duração dos comportamentos do *bullying*, os intervenientes envolvidos, o tipo de agressão mais frequente, assim como os locais e contextos onde estes ocorrem.

Verificou-se uma incidência do *bullying* no contexto desportivo sendo que a maioria dos atletas que afirmaram conhecer alguém que já foi vítima de *bullying* são do escalão de Sub 13, que compreende idades entre os 11 e os 13 anos, corroborando com a literatura existente (Lopez et al, 2011; Neto, 2005).

Verificou-se que existiu abandono desportivo devido ao *bullying*, a literatura diz que existe uma maior tendência para que vítimas de *bullying* abandonem a atividade (Aguilar et al, 2020; Grau et al, 2020; Nevy et al, 2015). Mesmo não abandonando a prática desportiva, pode-se observar que a maioria das vítimas faltavam pelo menos uma vez por semana aos treinos devido ao *bullying* sofrido.

Os participantes do estudo, em concordância com a literatura (Marracho et al, 2021) têm uma boa percepção sobre o que é o bullying e as consequências que este pode trazer para as vítimas porém muitos atletas avaliam certos episódios de *bullying* como meras brincadeiras e algo normativo no contexto desportivo (Grau et al, 2020; Marracho et al, 2021).

Comprovou-se que os agressores exercem o *bullying* normalmente em grupo, o que é corroborado pela literatura (Aguilar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010, Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005) é que normalmente são mais velhos que as vítimas e mais próximos das mesmas sendo, neste caso, da mesma equipa (Lopez, 2012; Neto, 2005)

Neste estudo em específico os participantes relataram que os episódios de *bullying* ocorreram ocasionalmente e que o tipo de *bullying* mais frequente foi o verbal realizado através de insultos, alcunhas pejorativas, provocações e/ou boatos e que o local mais propício para ocorrer os episódios é durante os treinos, seguido do balneário corroborando com a literatura existente (Aguilar et al, 2020; Marracho et al, 2021).

Percebeu-se que reações mais frequentes das vítimas após os episódios de *bullying* são o choro e a fuga comprovando o que indica a literatura (Aguilar & Barrera, 2017; Almeida et al, 2008; Bandeira & Hutz, 2010; Carvalhosa et al, 2001; Neto, 2005, Vaz et al, 2022)

Quanto à percepção dos atletas sobre o porquê de as vítimas sofrerem os ataques a revisão da literatura e os resultados mostram que os atletas acreditam que as vítimas de *bullying* são normalmente mais novas, com baixa autoestima (Marracho et al, 2021), aparência física do atleta e o baixo nível de capacidade atlético (Aguilar et al, 2020). Já sobre percepção dos atletas sobre o motivo pelo qual os agressores praticam o *bullying*, tanto a literatura como os resultados mostram que os atletas acreditam que o principal motivo para a prática do *bullying* pode ser para inferiorizar a vítima e deste modo sentirem-se superiores (Marracho et al, 2021). Em ambos os casos, uma grande parte indicou não saber o porquê de as vítimas sofrerem os ataques e o porquê dos agressores o causarem, o que pode revelar uma incompreensão dos mesmo face ao fenómeno do *bullying*.

Relativamente às emoções sentidas pelas testemunhas, os resultados mostram que a maioria dos atletas pensam que as testemunhas sentem sentimentos negativos quando

**veem** alguém a ser intimidado e/ou maltratado e consideram estas podem/devem chamar um treinador ou um adulto que se encontre no local, o que revela que como testemunhas, os atletas têm a consciência que a melhor ação a ser tomada é a de reportar o que está a acontecer a alguém de confiança, preferencialmente um adulto que possa agir em conformidade.

Os treinadores ou adultos face aos comportamentos do *bullying* na maioria dos casos intervêm e repreendem quem está a intimidar e/ou maltratar alguém porém alguns participantes que responderam que os treinadores não fazem nada, pois pensam que é uma brincadeira e os atletas relataram que os treinadores ajudam os agressores na intimidação e/ou maltrato da pessoa em questão, fazendo piadas e incentivando o comportamento dos mesmos, como também indica a literatura (Aguilar et al, 2020; Grau et al, 2020; Marracho et al, 2021) e 6 atletas reportaram que os treinadores muitas vezes participam das brincadeiras, fazendo piadas e incentivando os comportamentos de *bullying*, pensa-se que estes resultados sejam o espelho do que foi referido anteriormente.

A maioria dos participantes considera importante que sejam implantadas medidas nas instituições para combater o *bullying*, sendo o mais importante supervisionar os locais mais propícios a ocorrer este fenómeno, estabelecer regras e falar sobre o tema em ações de formação.

## **Conclusões Gerais**

A presente dissertação abordou através de revisão de literatura e de um estudo empírico o impacto do *bullying* no contexto desportivo tendo como base uma pergunta de partida: qual será o impacto do *bullying* no contexto desportivo nos diferentes escalões? Os objetivos a que nos propusemos foram alcançados mas nem todos foram de encontro às investigações realizadas na área ou então não foram encontrados estudos sobre o tema em questão.

Assim, como principais resultados temos que:

- Verificou-se que existe incidência de *bullying* no contexto desportivo em atletas em formação no futebol dos 10 aos 15 anos com 35 participantes (52,2%) a afirmar que conhecem alguém que já foi vítima de *bullying*.

- A maioria dos atletas que afirmaram conhecer alguém que já foi vítima de *bullying* são do escalão de Sub 13, que compreende idades entre os 11 e os 13 anos e de seguida no escalão de Sub 15, que compreende idades entre os 13 e os 15 anos. Verificando-se que existe abandono desportivo com 25 atletas a relatarem que conhecem alguém que abandonou o clube por ter sido vítima de *bullying*. Se não abandonam o futebol, tendem a faltar pelo menos uma vez por semana aos treinos.
- A maioria dos atletas têm uma boa perceção sobre o *bullying* no contexto desportivo, o seu objetivo, os tipos de *bullying* existentes e as suas consequências, afirmando que existe *bullying* no contexto desportivo.
- Os agressores exercem o *bullying* habitualmente em grupo e são mais velhos e da mesma equipa.
- A frequência com que ocorre o fenómeno do *bullying* é ocasional, sendo o tipo de *bullying* mais frequente o verbal através de insultos, alcunhas pejorativas, provocações e/ou boatos, seguido do físico e do social.
- O local mais frequente onde ocorre o *bullying* é no campo, nos treinos, seguido do balneário.
- A reação mais frequente das vítimas após os episódios de *bullying* é o choro.
- A perceção dos atletas sobre o motivo pelo qual as vítimas sofrem de *bullying* é o facto de serem mais fracas e o motivo pelo qual os agressores praticam o *bullying* é para se sentirem superiores e/ou populares.
- As emoções sentidas pelas testemunhas são sentimentos negativos quando vêm alguém a ser intimidado e/ou maltratado.
- Os participantes percecionam que as testemunhas podem/devem chamar um treinador ou um adulto que se encontre no local.
- As ações dos treinadores ou adultos face aos comportamentos do *bullying* é a de intervir e repreender quem está a intimidar e/ou maltratar alguém. Porém alguns atletas afirmaram que estes não fazem nada, pois pensam que é uma brincadeira e 6 atletas relataram que os treinadores ajudam os agressores na intimidação e/ou maltrato da pessoa em questão, fazendo piadas e incentivando o comportamento dos mesmos.
- Percebemos que quem intervém face às situações de *bullying* é o treinador ou um outro adulto por perto e são os colegas.

- Os atletas acreditam que é importante aplicar medidas para combater o *bullying* sendo o mais importante supervisionar os locais mais propícios a ocorrer este fenómeno, estabelecer regras e falar sobre o tema em ações de formação.

As principais limitações deste projeto foram a falta de uma amostra maior e mais diversificada que apenas contou com 67 participantes, sendo todos do sexo masculino e sendo os treinadores também do sexo masculino. A amostra foi recolhida apenas numa escola de futebol do grande Porto, não sendo possível analisar diferentes contextos desportivos. O facto de o estudo ter sido realizado com crianças e adolescentes num contexto que a maioria destes considera lúdico pode ter limitado o projeto, na medida em que os atletas após um longo dia de escola não estavam tão predispostos para responder aos questionários podendo isso afetar as respostas dadas. Por questões éticas esta investigação apenas se pode focar na perspetiva das testemunhas, pelo que seria muito importante obter informações sobre as perspetivas das vítimas e dos agressores.

Na aplicação prática deste estudo no contexto desportivo, acreditamos que seria importante consciencializar e dar formação a todo o staff técnico ao longo de toda a época desportiva, em especial aos treinadores, visto que estes são os principais modelos para os atletas no contexto desportivo e comprovou-se que muito ainda avaliam os comportamentos de *bullying* como sendo brincadeiras normativas no futebol e, por vezes, participam dos episódios de *bullying* sem ter verdadeira consciência disso. De seguida, seria fundamental formar e consciencializar os encarregados de educação dos atletas visto que estes são quem transmite os principais valores aos seus educandos. E, por fim, mas não menos importante, intervir juntos dos atletas, consciencializando-os sobre o tema e fornecendo apoio aos mesmos e, acima de tudo promover a empatia e o respeito pelo outro. Será também importante a criação de espaços seguros para que os atletas se sintam confortáveis em denunciar e falar sobre os episódios de *bullying* e, se necessário, oferecer apoio psicológico e uma intervenção mais personalizada de forma a minimizar os impactos causados por este fenómeno.

Como pistas para futuras intervenções acreditamos que seria pertinente:

- Realizar o estudo com uma amostra maior e mais diversificada.
- Verificar se existem diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino.
- Apurar se existem diferenças entre equipas mistas e equipas constituídas só por atletas do sexo masculino e só por atletas do sexo feminino.

- Conhecer a diferenças da incidência e dos comportamentos do *bullying* em atletas com treinadores do sexo masculino e do sexo feminino e perceber se a relação com os mesmo pode influenciar os comportamentos do *bullying*.
- Saber se a relação que os atletas estabelecem entre si influencia os comportamentos de *bullying* tanto para as vítimas como para os agressores.

## Referências Bibliográficas

- Aguiar, L., & Barrera, S. (2017). Manifestações de bullying em diferentes contextos escolares: Um estudo exploratório. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 669–682.
- Aguilar, G., Grau, M., Vall-Llovera, C. & Sisó, X. (2020). ‘I was always made fun of for being fat’: First-hand accounts of bullying in children’s football. *Physical Education and Sport Pedagogy*. 26(6), 549–561. <https://doi.org/10.1080/17408989.2020.1826918>
- Almeida, K., Silva, A., & Campos, J. (2008). Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão da literatura. *Revista Pediatra*, 9(1), 8-16.
- Araújo, J. D. O., & Caldeira, M.R. (2018). Bullying e cyberbullying: Ameaça ao bem-estar físico e mental dos adolescentes. *Adolescência: Revista Júnior de Investigação*, 5(1), 8-11.
- Barros, P. C., Carvalho, J. E., & Pereira, M. B. (2009). Um estudo sobre o bullying em contexto escolar. *IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*, 9, 5738-5757.
- Botelho, R. & Souza, J. (2007). Bullying e educação física na escola: Características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 139, 58-70
- Carvalhosa, S.; Lima, L.; Matos, M. (2001). Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. *Análise psicológica*, 4(21), 523-537.
- Evans, B., Adler, A., MacDonald, D., & Côté, J. (2016). Bullying victimisation and perpetration among adolescent sport teammates. *Pediatric Exercise Science*, 28(2), 296–303
- Farrington, D. (2020). A importância dos fatores de risco para a prática de bullying e vitimização. *Jornal de Pediatria*, 96(6), 667-669
- Gonçalves, G., Deiques, E., Peres, A., & Júnior, A. (2019). Bullying como violência sistemática que conduz à estigmatização nas escolas de futebol. *Kinesis*, 37. <https://doi.org/10.5902/2316546430606>
- Grau, M., Aguiar, G., Sisó, X., & Vall-llovera, C. (2020). Bullying em el fútbol infantil: Mirada de las familias y de los entrenadores. *Movimento*, 26. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.97195>
- Juvonen, J.; Graham, S. & Schuster, M. (2003). Bullying among young adolescents: The strong, the weak and the troubled. *Pediatrics*, 112, 1231-1238.
- Lopez, R., Amaral, A., Ferreira, J. & Barroso, T. (2011). Fatores implicados no fenómeno de bullying em contexto escolar: Revisão integrada da literatura. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(5). 153-162.

- Marracho, P., Coelho, E., Nery, & Pereira, A. (2021). Comportamentos de bullying em jovens praticantes de desporto. *Retos*, 4(42), 861-871.
- Martins, M. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4(23), 401-425.
- Nery, M., Neto, C., & Rosado, A. (2015). Bullying no contexto da formação desportiva. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte*, 11(1), 35-36.
- Neto, A. (2005). Bullying - Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.
- Olweus, D. (2010). Understanding and researching bullying: some critical issues. In S. Jimerson; S. Swearer & D. Espelage (Eds.). *Handbook of bullying in schools: an international perspective* (pp.9-33), Routledge.
- OPP. (2022). *Vamos Falar sobre Bullying*
- Park, S., Park, J., Yoo, J. & Jee, Y. (2020). Effect of playing soccer on stress, sociality, and physical fitness in alienated youth: a retrospective study. *Journal of Exercise Rehabilitation*, 16(2), 154-161
- Rios, X., Ventura, C., & Mateu, P. (2022). "I gave up football and I had no intention of ever going back": Retrospective experiences of victims of bullying in youth sport. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org.10.3389/fpsyg.2022.819981>
- Sánchez-Hernández, M., Herrera, M., Villanueva-Moya, L., & Expósito, F. (2023). Cyberbullying on instagram: How adolescents perceive risk in personal selfies? *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 17(5). <https://doi.org/10.5817/CP2023-5-2>
- Santos, M., Perkoski, I. & Kienen, N. (2015). Bullying: Atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. *Temas em Psicologia*, 23(4), 1017-1033. <https://doi.org/10.9788/TP2015.4-16>
- Serrate, R. (2014). *Bullying na escola. Guia para entender, prevenir e intervir no fenómeno da violência entre os pares*. Bookout Serviços.
- Vaz, A., Dias, C., Casa, D. & Vaz, P. (2022). Tipos de Bullying mais Frequentes no Contexto Desportivo: Uma Revisão da Literatura. In Cavaco, C., Costa, F., Marques, J., Viana, J., Marreiros, R., Faria, A. & Dorotea, N. (Org.) *A Educação e os Desafios da Sociedade Contemporânea: Contributos da Investigação* (pp.724-730), AFIRSE.

## **ANEXOS**

## Anexo A

### Instrumento

#### **Bullying nos praticantes de futebol, dos 10 aos 15 anos**

**Bárbara Calobra & Ana Rodrigues da Costa**

**Este questionário tem como objetivo geral recolher dado sobre a incidência do bullying, assim como as consequências ocorridas na vida dos jovens atletas. É um questionário anónimo e confidencial. Qualquer dúvida poderás questionar a investigadora.**

**Lê com atenção as questões e assinala a afirmação com a qual concordas mais.**

**1. O *bullying* são atos de violência psicológica e física, podendo ser praticado por uma pessoa ou por um grupo de pessoas, de forma intencional e repetida.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**2. O objetivo do *bullying* é humilhar, intimidar, inferiorizar, violentar e ameaçar um outro indivíduo incapaz de se defender.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**3. O *bullying* é classificado como verbal quando o indivíduo é insultado, ameaçado, alvo de boatos e alcunhas depreciativas.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**4. Esta expressão “És mesmo fraco, nem um pontapé sabes dar” é considerada *bullying*.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**5. Expressões como “és feio”, “és gordo” são consideradas *bullying*.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**6. O *bullying* é classificado como físico quando o indivíduo sofre agressões físicas como pontapés, chapadas, empurrões, socos.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**7. É *cyberbullying* quando publicam fotos e/ou insultos pela internet.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**8. É considerado quando em atividades ou jogos, o último a ser escolhido pelos colegas é sempre o mesmo atleta.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**9. O *bullying* acontece no contexto desportivo.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**10. O *bullying* traz consequências negativas na vida de quem é intimidado/maltratado.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Assinala as questões que mais têm a ver com as tuas vivências**

**11. Conheces alguém que já foi vítima de *bullying*?**

- Sim
- Não

**Se respondeste não, segue para a questão 21.**

**Se respondeste sim, quantas pessoas conheces que já foram vítimas?**

**12. Por quantos colegas foi/foram intimidada(s)/maltratada(s) essa(s) pessoa(s)?**

- Não sei
- Um colega
- Mais do que um colega

**13. Quantas vezes foi/foram essa(s) pessoa(s) intimidada(s)/maltratada(s)?**

- Não se aplica, nunca fui intimidado
- Raramente
- Ocasionalmente
- Frequentemente
- Muito frequente

**14. Desde quando ocorrem esses ataques?**

- Uma vez por semana
- Várias vezes por mês
- Desde que ingressou/aram na equipa
- Desde que veio/vieram para este clube

**15. O(s) colega(s) que intimidam/maltratam essa(s) pessoa(s) são (podes escolher mais do que uma opção)**

- Mais velhos
- Mais novos
- Da mesma equipa
- De outras equipas

**16. De que forma é que essa(s) pessoa(s) foi/foram intimidada(s)/maltratada(s)? (podes escolher mais do que uma opção)**

- Insultos, alcunhas pejorativas, provocações, boatos
  - Através de agressões físicas como empurrões, socos, estalos
  - Através da internet (publicando vídeos/fotos nas redes sociais) ou por via móvel (mensagens ou chamadas)
  - Põem essa(s) pessoa(s) de parte, é/são sempre o(s) último(s) a ser(em) escolhido(s) para as atividades
  - Escondem/roubam/estragam os pertences
  - Fazem referências desagradáveis à orientação sexual dessa(s) pessoa(s)
  - Outra(s)
-

**17. Em que lugares ocorrem essas situações de intimidação/maus-tratos? (podes escolher mais**

**do que uma opção)**

- Balneário
  - Competição
  - Treinos (antes, durante ou depois)
  - Nos transportes a ir para os jogos
  - Outros locais:
- 

**18. O que faz/em, normalmente, a(s) pessoa(s) quando é/são intimidado(s)/maltratado(s) pelos colegas? (podes escolher mais do que uma opção)**

- Nada
  - Começam a chorar
  - Vão-se embora
  - Falam com a família
  - Falam com o treinador
  - Falam com um dos colegas de equipa
  - Fazem o mesmo que lhes fazem a elas
  - Outra:
- 

**19. Durante esta época, em específico, quantas vezes a(s) pessoa(s) faltou/aram aos treinos por se sentir/em inseguro(s), sem vontade ou com medo de voltar/em a ser intimidado(s)/maltratado(s) pelos colegas?**

- Uma vez por semana
- Várias vezes por mês
- Desde que ingressei nesta equipa
- Desde que entrei neste clube

**20. Porque é que achas que as pessoas são intimidadas/maltratadas? (podes escolher mais do que uma opção)**

- Não sei
  - Porque provocam a(s) pessoa(s) em questão
  - Porque são mais fracas
  - Porque não reagem
  - Porque reagem exageradamente
  - Porque têm uma orientação sexual diferente da deles
  - Porque os agressores acham piada
  - Porque os agressores gostam de incomodar
  - Outra:
- 

**21. Conheces alguém que já abandonou o futebol por ter sido vítima de *bullying*?**

- Sim
- Não

**22. Porque é que os agressores intimidam/maltratam os colegas? (podes escolher mais do que uma opção)**

- Não sei
  - Porque sentem raiva
  - Para se sentirem superiores e/ou populares
  - Para mostrar aos outros que são fortes
  - Porque são provocados pelo grupo de amigos para fazer isso e se sentirem parte do grupo
  - Por serem diferentes deles (por serem mais magros, terem uma cor diferente, serem maiores)
  - Por acharem que a orientação sexual é diferente da deles
  - Outra:
- 

**23. O que pensas que sentem as pessoas que veem alguém a ser intimidado/maltratado?**

- Não sei
  - Não sentem nada
  - Evitam ver
  - Sentimentos negativos (frustração, tristeza, raiva)
  - Sentimentos positivos (alegria, poder)
  - Outros:
- 

**24. O que podem/devem fazer as pessoas que veem alguém a ser intimidado/maltratado?**

- Nada porque têm medo de sofrerem consequências
  - Chamar um treinador ou um adulto que se encontre no local
  - Intervir e defender a vítima
  - Apenas observar
  - Juntar-me ao agressor
  - Rir-me da situação em si
  - Outra(s):
- 

**25. As pessoas são todas capazes de intimidar/maltratar outro colega?**

- Nunca
  - Não sei
  - Sim, se forem provocadas/gozadas/humilhadas
  - Sim, se os meus colegas me pedissem
  - Outras situações:
-

**26. O que os adultos, e/ou treinadores fazem quando veem um dos atletas a intimidar/maltratar o outro?**

- Não se aplica, nunca aconteceu isso
- Não fazem nada
- Pensam que é uma brincadeira e não fazem nada por isso mesmo
- Ajudam o(s) agressor(es) na intimidação/maltrato da pessoa em questão, fazendo piadas e incentivando o comportamento dos outros
- Intervêm e repreendem quem está a intimidar/maltratar a pessoa

**27. Quem, normalmente, costuma intervir quando acontecem situações de intimidação/maus-tratos?**

- Não se aplica, nunca aconteceu
- Ninguém porque não estão presentes
- Um colega
- Treinadores ou outros adultos que estão por perto

**28. O que achas que nas instituições podem fazer para impedir que situações de intimidação/maltratos existam?**

- Não sei
- Estabelecer regras
- Falar sobre o tema em ações de formação
- Supervisionar os locais mais propícios a isso acontecer
- Outras:

---

**Queres acrescentar algo?**

---

---

---

**Muito obrigada**

## Anexo B

### Declaração de Consentimento Informado

**Designação do Estudo (em português):**

**Impacto do *Bullying* nos praticantes de futebol, dos 10 aos 15 anos**

**Eu, abaixo-assinado (nome completo) .....**

**responsável pelo participante no projeto (nome completo) -----**

....., compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 20\_\_

**Assinatura do Responsável pelo participante no projeto: \_\_\_\_\_**

O Investigador responsável:

**Nome:** Mariana Filipa Guedes Coimbra

**Assinatura:**